

Table:

GHASSAN
KANAFANI

QUE
L'ES
RESTOU

TRANSLATION: JAMES HOGAN





TRADUÇÃO: AMARIS DODINI

Para Khaled... o primeiro a voltar
e que continua a caminhar.

G. K.

SUMÁRIO

ESCLARECIMENTO

O QUE LHES RESTOU

ESCLARECIMENTO

As cinco personagens desta novela, Hamed, Mariam, Zakaria, o relógio e o deserto,* não se movimentam em linhas paralelas ou inversas, como pareceria à primeira vista, mas descontínuas, que, às vezes, convergem até o ponto de se fundirem em duas. Essa convergência afeta tanto o tempo como o espaço, visto que não há nenhuma separação precisa entre o que sucede em lugares distantes uns dos outros, tampouco entre o que sucede em diferentes momentos; e, às vezes, tempo e espaço também se confundem.

A dificuldade que existe para acompanhar um mundo no qual tudo se confunde é conhecida, mas é inevitável que seja assim se o que se quer é que a novela diga de uma só vez tudo o que se propõe a dizer. Portanto para registrar os momentos em que, sem prévio aviso, se produzem as convergências, os encontros e os movimentos, recorri ao artifício de utilizar elementos tipográficos diferentes.

É preciso reconhecer que este artifício atrapalha uma parte importante do processo de transição de uma sequência a outra — que teria de se produzir por si só, sem indicação alguma — e pode dar a impressão de uma organização deliberada de um mundo que é todo desordem. Mas experiências anteriores deste tipo demonstraram que a adoção deste recurso era inevitável.

G. K.

* As palavras “relógio” (ساعة) e “deserto” (صحراء) são femininas no árabe — diferentemente do português. No caso do deserto e do relógio de pulso de Hamed, considere importante manter, ao longo do texto, os pronomes e adjetivos que qualificam esses dois substantivos conforme seu gênero na língua árabe. [N. T.]

Agora podia olhar diretamente para o sol pendurado na superfície do horizonte, que se dissolvia como uma tocha púrpura imersa na água. Logo, mergulhou por completo, deixando linhas em chamas para trás, suspensas nos limites do céu, que começaram a retroceder sobre um fundo, primeiro de um cinza brilhante, depois uma mera tinta branca.

De repente, surgiu o deserto.

Pela primeira vez ele a via respirar como uma criatura. Misteriosa, estranha e mansa ao mesmo tempo, transfigurava-se em ondas cinzentas de luz, que desapareciam pouco a pouco por trás do escuro céu que caía.

Imensa e obscura. Porém grande demais para amá-la ou odiá-la. Não era completamente silenciosa, e ele a percebia como um corpo monstruoso a respirar com um som audível. À medida que afundava nela, sentia vertigem; sobre sua cabeça, pairava um céu calado, enquanto a cidade ficava para trás até restar um ponto preto perdido no horizonte.

Diante dele, até onde a vista podia alcançar, o deserto respirava e ele a sentia subir e descer sobre seu peito. Ao redor, no coração desse muro preto, brotavam, uma após outra, estrelas cintilantes, que brilhavam cada vez com mais intensidade.

Só então soube que não voltaria mais. E longe, atrás de si, Gaza desaparecia em sua noite trivial. Primeiro sumiu a escola, depois a casa, enquanto o mar de prata se dobrava e retornava ao coração escuro. As luzes suspensas das ruas permaneceram por alguns instantes, cansadas e fracas; depois se apagaram, lentamente. Ele andava e deixava as pegadas emitirem um som abafado. Experimentava aquela sensação que o invadia sempre que se jogava nos braços das ondas: sentia-se forte, grande e fluindo com uma firmeza inacreditável, ao mesmo tempo que impotente e frágil.

Fundia-se na noite, como um novelo de lã com a ponta amarrada em sua casa em Gaza. Por dezesseis anos, fios de lã se emaranharam nele até que se tornou um novelo, que ele agora desemanhava e se deixava enrolar na noite. “Repita comigo: dou-lhe por esposa minha irmã Mariam.” “Dou-lhe por esposa minha irmã Mariam.” “Por um dote de...” “Por um dote de...” “dez guinéus.” “dez guinéus.” “Tudo para o futuro.” “Tudo para o futuro.” Sentado

diante do xeique, sentiu os olhares dos presentes cravados em suas costas — todos que ali estavam sabiam que ele não a daria em casamento se ela não estivesse grávida — enquanto o canalha que será seu cunhado, sentado a seu lado, ria por dentro, com um som perceptível.

Tudo para o futuro, é claro. Menos o rebento, o mais urgente, que revirava em suas entranhas. Fora do recinto, segurou-a pelo braço: “Decidi deixar Gaza”. Ela sorriu. Sua boca pintada de vermelho parecia uma ferida sangrando sob o nariz: “Para onde vai?”, perguntou largando a boca aberta, como se quisesse dizer que ele não conseguiria. “Vou para a Jordânia, pelo caminho do deserto.” “Quer fugir de mim?” Ele assentiu com a cabeça. “Você era tudo para mim, mas está maculada. Fui enganado... Se sua mãe estivesse aqui.”

E amanhã ela dirá para o filho bastardo que porá em sua cama: “Se sua avó estivesse aqui...”. Depois ele vai crescer, casar e gerar um filho: “Se sua bisavó estivesse aqui...”. Se... Se... Há dezesseis anos não diz outra coisa senão: se sua mãe estivesse aqui. Se eles brigavam, ele dizia a ela: se sua mãe estivesse aqui. Se eles se regozijavam, se ela sentia dor, se ela não conseguia cozinhar, se ele fosse demitido do trabalho, se encontrasse um emprego: se sua mãe estivesse aqui, se sua mãe estivesse aqui.

Mas sua mãe nunca esteve lá, embora vivesse apenas a algumas horas de caminhada da Jordânia. Em dezesseis anos, ninguém conseguira realizar tal jornada, e ele tinha decidido empreendê-la justamente quando, sem pensar, pronunciara as palavras: “Dou-lhe por esposa minha irmã Mariam...”.

Ele queimava por dentro e engolia toda a amargura que lhe consumia as entranhas, quando ela deu dois passos para trás e, com um sorriso sofrido, disse, dirigindo-se ao canalha que grunhia em suas costas: “Seu cunhado, Hamed, quer deixar Gaza”. Sem mirá-lo, respondeu como se não estivesse ali ou não o conhecesse: “Hamed fala demais. Deixe ele quieto”.

Naquele mesmo instante, perguntou-se: onde será que aconteceu aquilo? Olhou com carinho para o ventre redondo, oculto sob o vestido, e pensou: certamente, um dia ela pediu licença ao diretor e deixou a escola. Talvez tenha dito que estava com uma forte dor de cabeça. Sempre se queixava: “Estou morrendo de dor de cabeça”. Chegou em casa durante minha ausência e abriu a porta para ele entrar. Ele desabotoou sua blusa, enquanto ela permaneceu impassível. Mas, quando?

Ela se virou sem dizer nada e respondeu insensível às felicitações dos

convidados: “Desejo a você também”, e uma palavra voou alto: “Felicidades, felicidades”. Mãos frias se estendiam para cumprimentá-lo enquanto ele olhava para ela. Por dois meses remoía-lhe uma ideia fixa, que martelava em sua cabeça toda vez que ficava com raiva: ele pegava uma faca grande, rodeava a cama, descobria o rosto dela, ela abria os olhos, que expressavam loucura, ele a pegava pelos cabelos e dizia algo curto, mas preciso e claro. Às vezes não dizia nada, somente a olhava e ela entendia tudo. Depois, acertava-lhe uma facada bem no coração. Por fim, saía da casa à procura dele. Seu cunhado. Dei-lhe por esposa minha irmã Mariam por um dote de dez guinéus, tudo para o futuro.

Ela deixou que ele a desonrasse, entregou-se a ele por quinze minutos fugazes e, quando plantou um embrião em seu útero, foi pego pelo pescoço: “Você é quem sabe, case-me com ela ou não, não sou eu quem perde”. “Por que não me disse que a queria?” Ele balançou a cabeça e sorriu com um ar de comerciante honrado: “Foi o que aconteceu”. Quis levantar-se para agredi-lo, mas ele continuou a sorrir: “Você não vai querer me agredir, não é? Vão dizer que você agrediu o homem que...”.

Basta!

Era magro e feio como um macaco, chamava-se Zakaria. Ele tinha vontade de espremê-lo com as mãos até enforcá-lo, mas era incapaz de fazê-lo. Sua irmã, Mariam, escutava por trás da porta com o embrião que se agitava em seu ventre. Quando o último convidado se foi, o cunhado fechou a porta e retornou como se a casa fosse sua: tirou os sapatos e se deitou no sofá; parecia uma mancha instalada ali, mas inadequada. Depois suspirou, cruzou as mãos por trás da cabeça e passou os olhos por todos os objetos do quarto com uma satisfação detestável. Finalmente, ao fixar o olhar nela, disse com palavras bem articuladas: “Então ele quer partir; quer atravessar o deserto... Não me deu os parabéns ainda. Agora sou seu cunhado. Além do quê, sou mais velho que ele”. Depois, levantou-se do sofá de um salto e andou pelo quarto, com o olhar cravado no chão: “Ele quer nos intimidar, Mariam. Por que não lhe diz que nós não ligamos para ele?”. Ela permaneceu calada e encostada na parede como uma esposa antiga que se casa pela segunda vez. Ele parou e a fitou novamente com ares de um orador influente: “O deserto engole dez iguais a ele numa única noite”. Deu-lhe as costas por um momento, e voltou a encará-la: “Ele tem que primeiro atravessar nossas fronteiras, depois as fronteiras deles duas vezes e, por fim, a fronteira da Jordânia. E, entre essas quatro mortes,

existem centenas de outras mortes no deserto... Você tem certeza de que isso não é uma brincadeira tola dele?”. Ela não respondeu e a atmosfera do quarto ficou sufocante, pesada. Na borda do colarinho aparecia um fio de suor. Ele escutava sua própria respiração. Sabia que pareceria idiota se dissesse algo, mas não conseguiu ficar calado por muito tempo. Levantou-se da cadeira, dirigiu-se para a porta sem hesitar, virou-se e disse: “Partirei amanhã, no crepúsculo”.

Ao descer os degraus, desejava ouvir alguém que o chamasse, que a voz de Mariam o seguisse, que exclamasse: “Volte, Hamed!”. Que gritasse, que dissesse algo. Mas não escutou nada, apenas seus passos ecoando na escada. E antes de pisar na calçada, ouviu a porta bater sem uma única palavra. Reinou o silêncio.

Agora, a noite caiu por completo, e com ela um vento frio assoviou no peito do deserto, como uma criatura moribunda. Já não sabia se estava com medo. Sentia somente um coração a bater naquele corpo largado sob a imensidão do céu. Deteve-se por um momento e olhou para o alto como que por uma tenda furada. E o céu lhe pareceu obscuro como um abismo. Ergueu a gola do casaco, enfiou as mãos nos bolsos e, de repente, o medo se dissolveu. Estava só, com aquela criatura com ele, sob ele e dentro dele, ofegante, a nadar majestosamente num mar escuro. Ao longe, escutou um barulho que não lhe era estranho. Naquela imensidão, nada podia surpreendê-lo; tudo era tão pequeno, nítido, familiar. Aos poucos, aquele ruído, que parecia vir dos quatro cantos, ficou mais evidente. Diante dele, surgiu uma linha reta de luz, que riscou o horizonte como uma agulha branca, que, num giro, desenhou um semicírculo. Ao longe, dois olhos luminosos oscilaram e espalharam ao redor uma luz circular. Sem medo, decidido, deitou-se e sentiu o chão tremer como uma virgem. O fio de luz acariciou as dunas com delicadeza e em silêncio. Naquele instante, mergulhou na areia e a sentiu morna e macia. Rapidamente, o ruído aumentou. Era um carro e já estava próximo. Ele afundou os dedos na areia e sentiu o calor que ela soprava em seu rosto penetrar seu corpo. Enfiou o nariz e a boca na terra. Finalmente, o carro mudou de direção; as luzes vermelhas traseiras brilharam e depois se dissolveram na noite. Dou-lhe por esposa minha irmã Mariam — descansou a face sobre o peito morno do deserto novamente, enquanto a brisa fria lavava-lhe o corpo. Agora, as luzes vermelhas haviam desaparecido por completo, como se uma mão as tivesse

desligado. Se minha mãe estivesse aqui... Se minha mãe estivesse aqui... Virou-se e roçou os lábios na terra morna: “Não posso odiá-la, mas será que poderei amá-la? Você engole dez iguais a mim por noite — eu escolho seu amor, sou obrigado a escolher seu amor. Ninguém me restou além de você”. *Ninguém me restou além de você... Tão longe de mim, ainda que deitado em minha cama... Você me deixou só, a contar os passos metálicos e frios que batem na parede. Batem. Batem. Batem dentro de um caixão de madeira pendurado diante da cama. Ele o comprou no mercado e o carregou num julho qualquer. Quando chegou na entrada, não conseguiu tirar as chaves do bolso, pois o carregava nos braços, e era, como disse para mim depois, muito pesado. Ele permaneceu parado diante da porta, indeciso, pensativo, esquecido ali, até minha chegada. Quando me viu, estava suado. Sem parecer zangado, perguntou: “Por que demorou?”. “Não demorei... O que é isso?”*

Ele olhou para o objeto entre os braços: “Um relógio de parede que mais parece um pequeno caixão, não é mesmo?”. Entramos e ele se dirigiu ao quarto em que dormíamos. Um prego grande estava fixado diante da cama. Pendurou o relógio enquanto eu segurava a cadeira para ele. Depois desceu, afastou-se um pouco e olhou-o com satisfação; mas o relógio não se mexeu. Pensou um pouco. E eu lhe disse: “Talvez seja preciso dar corda”. Ele negou com a cabeça: “Acho que está torto. Um relógio de parede com pêndulo não funciona se não estiver no prumo”. Subiu novamente na cadeira e mexeu-o para acertá-lo. Imediatamente, o relógio começou a bater, e juntos observamos que aqueles golpes metálicos lembravam o barulho de uma muleta contra o piso. Quando repôs a cadeira no lugar, eu lhe fiz uma pergunta que ele parecia já esperar: “Por quanto o comprou?”. Sua resposta, no entanto, eu não esperava: “Não comprei, roubei”. E desde aquele dia está pendurado ali, a bater sem parar, com aqueles passos frios, feito uma muleta. Batendo. Batendo. Batendo, ó Zakaria. Batendo. E, agora, nada me resta além de você, e esse aí. E nós o deixamos partir sem uma única palavra. Quando ouvi o som hesitante de seus passos na escada, imaginei que ele voltaria. Estava dividida entre ele, meu passado e você, que é o que me restou para o futuro. Mas não me movi, nem você, e ele não voltou. Depois, você caminhou e bateu a porta, fechando tudo. Então dirigiu-se ao outro cômodo e eu o segui. Você me garantiu que ele voltaria, pois era demasiado jovem para atravessar o deserto sozinho e se daria conta da tolice que pretendia fazer.

Se minha mãe estivesse aqui, ele poderia ter procurado ela. Eu também

poderia ter ido até ela. Trocávamos algumas palavras sobre ele. Não teríamos permitido que a porta o apagasse desta casa ao ser fechada.

Pelo menino da padaria, recebi suas primeiras e últimas palavras: “Partirei com o crepúsculo e escreverei da Jordânia — se lá chegar”. Embaixo, sua pequena assinatura: “Hamed”, escrita com muito esmero, como escrevia no maço de cigarros quando saía por alguma razão: “Volto já — Hamed”, e deixava o maço depositado sobre o rádio. Sabia que eu ia direto para o aparelho quando chegava em casa. Mas nós o enganamos, Zakaria. Nós o enganamos. Vamos admitir isso. Ele está longe agora, caminhando há três horas no mínimo, enquanto conto seus passos, um por um, com as batidas metálicas abafadas na parede diante de mim. *Batidas de um caixão. Batidas abarrotadas de vida, que avançam sem volta sobre meu peito, sem outro eco senão o pavor. Diante do muro alto e escuro, ele caminha como um animal minúsculo, decidido a realizar aquela viagem sem fim, carregada de ira, tristeza, sufoco e, talvez, de morte — a única canção em meu corpo. Desde que percebi seus primeiros passos na borda, sabia que ele era um homem estranho. Quando o vi, isto se confirmou. Estava completamente só, desarmado e quiçá sem esperanças também. No entanto, desde o primeiro momento de pavor, pediu-me que o amasse, pois era incapaz de me odiar. Você não pode me odiar, Zakaria, não pode. Você é tudo o que me restou. Ele já se foi, está apagado deste quarto, e nada resta dele senão o som desses passos metálicos, a bater na parede, incessantemente, como uma muleta sem rumo. E nada me resta senão contar essas batidas. E você dorme profundamente a um palmo de mim. Longe... Como a morte.*

Você não o conhece, ainda que tenham trabalhado juntos por um tempo naquele acampamento que você costumava chamar de quartel. Tampouco ele o conhece. Só eu conheço os dois — a opinião dele a seu respeito era sempre breve, limitada. Quando encontramos com você pela primeira vez, por acaso, perguntei: “Qual o nome dele?”. “Zakaria.” “De onde você o conhece?” “É um colega do quartel.” “É seu amigo?” “Não, ele fede!”

Só isso: “Ele fede!”. Jamais mudou de atributo, mesmo quando soube de tudo. A única coisa que pronunciou foi: “Ele fede!”. O pêndulo parou por um instante e o relógio bateu nove vezes. Já são três horas de caminhada... Ele não sabe que você me parou na rua, passados três dias, para me dizer: “Mande lembranças ao Hamed”. Mas eu não mandei, pois sabia que você me abordara por outra razão... *Parou por um momento, olhou para o céu, depois para o relógio, e*

eu soube que ele planejava a viagem como todo mundo: percorrer a maior distância que seus jovens pés aguentassem antes que amanhecesse. Eu estava deitada diante dele, completamente entregue a sua juventude, sem hesitação. Seus passos golpeando minha carne. Mas, como os outros, ele temeu a imensidão sem fim, sem cerro, sem marco, sem trilha. Permaneceu parado, a olhar para a escuridão da terra que se confundia com a do céu, para um ponto que caía diretamente diante de seus pés. Voltou a caminhar, pleno de juventude, mas também de ira, angústia e tristeza. Eu não podia lhe dizer que havia se desviado um palmo para o sul e que, pela manhã, estaria bem no coração do deserto e do sol — nunca soube por que passei, por acaso, naquela noite, em frente ao café que você frequentava. Nem por que andei devagar para facilitar que você me visse e me seguisse. E nunca soube que aquele momento me conduziria, quatro meses depois, para sua cama, diante desse caixão pendurado, que não para de bater. Bater. Para a cama dele. Esta é a cama dele. Nós dormíamos juntos neste quarto, enquanto nossa tia, antes de morrer, dormia no outro. Minha cama ficava debaixo daquela janela, e a dele, do outro lado, diante do relógio. Depois da morte de minha tia, mudei a cama para o quarto de fora, enquanto ele continuou aqui, sobre esta cama, talvez a ouvir o relógio, suas batidas metálicas e secas, caminhando incessantemente nas paredes em torno de si.

Minha tia morreu na cama dele... Agora me ocorreu que ele fez isso de propósito, pois quando ela caiu doente pela última vez, decidiu transferi-la do outro quarto para este, para sua cama, sem dizer o porquê. E ela morreu aqui após uma única batida do relógio na noite. Foi exatamente isso o que ela sentiu: uma só batida, cortada e seca. Pareceu a todos nós o último passo. Ela olhou para o relógio, depois para mim enquanto conversávamos: “Lembranças a minha irmã. Deus é generoso e um dia vocês dois irão ao encontro dela, ou ela virá até vocês”. Mirou o relógio novamente, que voltou a bater como nunca, e disse, sem tirar os olhos dele: “Cuide da moça”. Então, saí do quarto. A moça. A moça. A moça... Esteve sempre dentro de minha roupa, de meu corpo em chamas, em minha cama. Estranha como a separação... a moça, *não percebi que ela havia saído, mas minha tia sim. E, ao apontar com o dedo para a porta, disse: “Case-a, Hamed. Case-a. Já é moça, eu bem sei”. Mas a maldita não esperou. Veio a mim com um ser que latejava em seu ventre. E o pai? Aquele asqueroso, o canalha, - Zakaria; os dois me enganaram, depois me expulsaram e fiquei imerso na vergonha — Dou-lhe por esposa minha irmã, Mariam. Dou-lhe por esposa minha irmã, -*

Mariam... Tudo para o futuro... para o futuro. Ela disse: “Confessarei a você algo muito grave”, meu coração disparou, e propus: “Então sente-se”. Acomodou-se e entrelaçou as mãos no colo. Meu olhar caiu sobre suas mãos e eu logo entendi. Fui varrido pelo pavor. O suor jorrava de minha testa e escorria sobre meus olhos, e tive a impressão de ouvir um grito que saía de seu colo. Um grito ferido, que ecoava de dentro de suas pernas, onde entrelaçara as mãos como se escondesse algo. De repente, ela caiu em prantos, e eu disse com a voz embargada: “Meu Deus! Eu sabia!”. Ela segurou minhas mãos e esfregou os lábios úmidos de lágrimas sobre elas. E disse, como se delirasse: “Mas nós vamos nos casar, Hamed, vamos nos casar”. Perguntei sem pensar: “Quem é ele?”. “Zakaria!” “Zakaria? Zakaria? Espere um momento. Zakaria? Oh, meu Deus!” O muro do quartel era muito alto. Eles nos conduziram a um ambiente movimentado, por um corredor bem estreito que levava para aquele prédio em ruínas. Xingaram-nos em hebraico, depois num árabe carregado de sotaque. - Colocaram-nos em fila única e começaram a nos examinar a fundo, com as pernas separadas e os fuzis sustentados nos ombros. Subitamente, do céu, caiu uma garoa triste, e o quartel se encheu de um silêncio desolador. Ao meio-dia, chegou um oficial e chamou por Salem. Mas os homens na fila permaneceram inertes, em silêncio e molhados. Voltou a gritar o mesmo nome, com uma voz estridente. Movimentava as pernas e fazia barulho no cascalho. Instalou-se o silêncio novamente. E o oficial, já sem paciência, parecia um bloco de ira enrijecida. Por trás dele, os fuzis se armaram em uníssono como vozes de um coral em uma peça de teatro bem ensaiada. O oficial se afastou, abrindo caminho para o cano das armas. “Se vocês continuarem a esconder esse sujeito, irão todos para o inferno; sabemos que ele está entre vocês”, e o barulho do cascalho ressoou; eu fechei as pálpebras, o mundo alijou-se de mim e nada mais fez sentido. Um instante depois, Zakaria saiu da fila, prostrou-se de joelhos com as mãos no peito e começou a gritar. Os canos das armas retrocederam enquanto o oficial se aproximou dele e lhe deu um chute. Dois soldados tentaram colocá-lo de pé: “Direi a vocês onde está Salem”. Mas, antes que o fizesse, Salem se adiantou, deteve-se diante de nós e nos dirigiu um olhar carregado de gratidão, que não pude mais esquecer, enquanto o levavam. De repente, olhou para trás, na direção de Zakaria, e encarou-o com um olhar de homem morto: frio e duro, a anunciar o nascimento de um fantasma. E sumiu por trás daquele muro. Depois, ouviu-se um tiro, um único tiro. Como se tivéssemos combinado, todos olhamos para Zakaria. Zakaria. Zakaria. Meu corpo ardia dentro de minhas roupas. Sempre as pendurava na parede em frente ao relógio, que as velava, desde aquele caixão pequeno, todas as manhãs

enquanto eu me trocava. Meus seios eriçados se revelaram, como se tivessem sido dobrados na mala de Hamed. Eu escorregava as mãos sem perceber — ao som do relógio — pelas minhas coxas. Não havia em casa nenhum espelho grande que pudesse mostrar meu corpo inteiro. Via somente meu rosto. E quando me mexia, ele refletia meus seios, minha barriga, minhas pernas. Pareciam fragmentos de um corpo sem ligação; o corpo dilacerado de uma moça, vigiado por batidas roucas, cortantes e irônicas, que batiam na parede sem piedade. Você foi o primeiro que me tocou, e, naquele momento, parecia tão próximo de mim, como se toda a vida tivéssemos vivido juntos dentro da mesma roupa. Diante das pancadas horríveis de uma muleta que perdeu seu rumo, entre seus dedos, suas mãos, seus lábios, sob seus olhos, entreguei trinta e cinco anos de minha vida, ano após ano, pedaço por pedaço. Será que terei de olhar para você sempre as escondidas, feito um ladrão? “Vamos nos casar, então...” “Hamed, seu irmão, me pedirá um dote de vinte camelos.” “Pergunte a ele.” “Esse garoto não aguenta ouvir minha voz, eu o conheço, e ele prefere matar você a vê-la com qualquer homem; imagina então se Zakaria for esse homem!” “Significa que você não quer se casar comigo.” “Quero, mas por que você não quer que eu me encontre com você?” *Dei-lhe toda a minha selvageria, e ele, sem pensar, alijou-se de seu caminho. Mas uma coisa não posso oferecer a ele: tempo. A cada passo que dava, dispersava-se. E não era só o tempo o que tinha contra si. Não apenas concorria com ele, mas também com a perda dele. E como ele não sabia mais como lidar com aquela selvageria em seu corpo, sentiu que tinha de parar e parou. Tudo estava em chamas. No horizonte, avistavam-se luzes, um caminho, e ouviam-se vozes ao longe — se soubesse que estava adiantado, poderia pensar que ganharia tempo, mas não sabia. Deteve-se e pensou. Seus movimentos produziram calor em seu rosto, que colidia com o vento frio que vinha do céu e se espalhava em todas as direções. Cuspiu. Não importa. Não lido com as sensações em turbilhão dentro dele. Lido somente com suas direções. E ele estava na direção errada. Contra ele. Apesar disso, ainda parecia furioso com algo que não me dizia respeito, que não tinha relação com aquela pausa de meia hora, distante do caminho correto. E ocorreu exatamente o que eu esperava. Quando ele tentou desviar um pouco daquelas luzes, errou o rumo novamente e foi quase reto em direção ao sul. Não pensava em nada, confiava apenas em seus sentidos, que agiam todos em conjunto com um quê de pavor. Uma mescla de sensações que levariam um aventureiro corajoso a golpear com as mãos uma porta desconhecida. Quando o vi diante da entrada da casa, tremi,*

nervosa e apavorada ao mesmo tempo. Hamed havia saído fazia cinco minutos, e lá estava Zakaria, parado na soleira, muito confiante. Perguntou-me: “Ele está aqui?”, e, sem esperar a resposta, avançou com o pé. Entrou, pôs a mão em meu ombro, e senti seu peso: “Quero falar com ele sobre nosso casamento”. Naquela confusão não sei bem por que eu lhe disse: “Ele não está aqui”. “Vai demorar? Digo, posso esperá-lo?” “Não sei, creio que não. Foi buscar cartões de racionamento. Você sabe, é começo de mês.” Você avançou para dentro da casa e veio em minha direção: “Você tem medo de mim?”. “Não, por quê?” Você se aproximou, tocou seus lábios quentes em meu colo e caímos juntos naquele sofá que me servia de cama. Ouvi sua voz dentro do meu vestido: “Então vai demorar”, e senti sua mão apertar meu peito: “Então vai demorar. Eu estava passando pelas cercanias por acaso”. Seu corpo colava-se todo ao meu e eu me senti arder: “Andava por acaso perto do centro e vi que estava lotado de gente. É verdade, estamos no começo do mês”. Depois, senti suas mãos toscas tocarem minhas costas nuas: “Então vai demorar”. As palavras alcançaram meus ouvidos e flutuaram sem sentido. Não me importava se demoraria ou não. Depois, você vestiu sua roupa: “Melhor eu ir”. Um desabamento calado atingiu meu corpo, destruindo-o por dentro. Quando a porta se fechou, ouvi o relógio soar oito badaladas, como se também ele batesse a porta. Se minha mãe estivesse aqui, Zakaria, se minha mãe estivesse aqui. Mas não há ninguém além de você. Hamed vai me degolar quando souber. Creio que estou grávida. Você sorriu, segurou meu ombro e olhou para minha barriga como se visse o feto encolhido e perdido em meu ventre, escondido atrás de algo, a olhar o mundo sem permissão, com olhos inocentes e pequenos. Depois, você disse enquanto adentrávamos os becos estreitos: “Você é uma terra fértil, diabinha. Vou lhe dizer, uma terra fértil”. *Uma terra fértil, semeada de ilusões e dúvidas que quebrariam todas as lanças de ferro do mundo se passassem sobre seu peito amarelo e nu, sem pelo, estendido até minha eternidade e a eternidade deles, e banhado num mar de escuridão. Todas as lanças do mundo não conseguem colher de você uma única muda. Elas se quebram, uma após a outra, sem arrancar uma raiz sequer de sua colheita vigorosa, sempre que um homem, passo a passo, penetra suas entranhas, para se transformar numa muda desconhecida, arraigada, que se alimenta de você, de sua postura e de seu ritmo.* Não há nada para colher. Não me diga isso, mesmo que pense. Tenho tanto medo, que não tenho coragem de me desfazer dele. Minha desonra. Mas, Zakaria, esta é minha única

desonra em trinta e cinco anos de castidade e recato.

E ele bate dez badaladas. Bate, bate, como uma mísera muleta que repete o mesmo e eterno som no pequeno caixão cuidadosamente fechado — quatro horas de caminhada sem parar, e você me deixa junto a esse aí, a sentir sua respiração, a contar seus passos contra a parede. Quanto será que lhe resta, você sabe dizer? Zakaria... Zakaria...

— Você não dormiu ainda?

— Não. Mas, me fale, Zakaria, quanto tempo uma pessoa leva para percorrer a distância a pé de Gaza à Jordânia?

— Dez vezes já disse a você.

— Não, não me disse.

— Doze horas.

Ele se virou para o outro lado, apoiou-se no braço e prosseguiu, enquanto o relógio continuava a bater.

— Isso se conhecer bem o caminho...

Aproximou-se e procurou meu rosto no escuro:

— ... e se não encontrar uma patrulha na primeira hora.

Sentou-se, passou os dedos no cabelo, olhou para seu relógio e depois para mim:

— Que horas são agora?

— Acabam de bater dez horas.

— E está pensando nele?

— Sim.

— Fiz de tudo, à minha maneira, para impedi-lo. Você não está com raiva de mim, não é?

— Não.

— Então, tente dormir.

— Tem duas horas pelo menos que estou tentando.

Ele deslizou na cama novamente e descansou o rosto no travesseiro.

— De qualquer forma, para ele nada adianta você passar a noite acordada. O melhor é dormir para matar o tempo.

— Não consigo.

Ele se virou para o outro lado e se calou. O quarto pareceu um lugar abandonado novamente, rondando por ele aquele som monótono das batidas incessantes, que giravam em torno de meus ouvidos e golpeavam minha

cabeça em todos os lados. Esticou a mão, pegou a caixa de fósforos, acendeu o cigarro, que iluminou seu rosto quadrado, tosco, e fez brilhar os pequenos olhos, meio fechados dentro de dois buracos escuros. Ergueu o corpo, recostou-se no travesseiro e deu um trago. Um ponto luminoso, que as batidas da muleta trataram de extinguir, flutuou na escuridão da noite.

— Mudaremos os móveis da casa, de acordo com nossas possibilidades. Acho que as duas camas podem ficar, mas trocaremos as poltronas do outro cômodo.

— Temos que pensar na criança.

— Você está louca, acredite em mim! Está sacrificando sua juventude por causa dela, e amanhã irá amaldiçoá-la, e o pai dela, e o momento em que não seguiu meu conselho. Você se transformará numa mulher de barriga flácida, cheia de buracos, como se tivesse varíola. Sei o que digo, pois já vi com meus próprios olhos. Por um ano inteiro você não será uma mulher, e sim uma mamadeira.

Aproximou-se de mim, com o cigarro entre os lábios, deslizou sua mão sobre meu peito, depois pelo meu ventre e deixou-a lá por um momento.

— Você tem um corpo maravilhoso e não faz ideia de sua beleza. Amanhã, quando botar seu grande ovo, você vai virar um monte de carne. Perderá tudo; e só lhe restará este pedaço de grito que vai transformar sua vida num inferno.

E de repente ela apareceu. Eu havia decidido não pensar nela, mas ela veio com a voz dele, carregando os filhos, e parou na beira da cama, enquanto a mão pesada e morna dele prensava meu ventre. Eu nem ao menos lhe perguntei seu nome!

— Você não me disse o nome dela.

Ele recolheu a mão de repente e deu mais um trago. Naquele silêncio aberto e imenso, o pêndulo voltou a se movimentar rapidamente.

— Sabia que você me faria essa pergunta um dia. Não tenho nada contra, mas por que agora? Por que ela passou pela sua cabeça agora?

— Sua mão, sua mão em meu ventre... Faz isso com ela também?

— Não sei. Mas para o seu bem escuta meu conselho: tente não pensar muito nela.

— O que ela lhe disse?

— Não disse nada, gritava o tempo todo e não teve tempo para falar.

Ele se aproximou de mim um pouco mais e seu hálito me queimou. Eu me

incendiei. Sabia que isso aconteceria, mas não consegui resistir. Minha roupa deslizou entre seus dedos e fez surgir meu corpo. A escuridão ofegava a meu redor com um silvo provocante; o cheiro de todos os homens impregnava o lugar enquanto eu tremia, sem parar, subindo e descendo, comprimida entre os ombros, jogada, empurrada e puxada, largada, depois espremida, molhada por um líquido, um terrível misto de frio e calor, até que perdi os sentidos. Hamed me balançava pelos ombros com suas pequenas mãos trêmulas: “Mariam, você está doente?”. “Não, mas onde está nossa mãe?” “Foi deixada na praia. Ela virá atrás da gente. Mas nossa tia está aqui conosco.” Era ainda muito jovem, mas tinha uma coragem incrível. Encarava todos os homens como adversários e ficava colado a mim como se fosse um pequeno escudo de metal aguardando as lanças. Atrás da costa escura, Yafa ardia em chamas e a confusão reinava por todos os lados. Parecíamos flutuar em ondas turvas de gritos e súplicas. “Por que deixou nossa mãe na praia?” “Não a deixei. O barco estava cheio, ela embarcará em outro. Lá, os homens estão cuidando dela. Mas eu tinha de vir com você e com nossa tia.” Ele tinha apenas dez anos e eu vinte. Pareceu compreender tudo naquele insano instante. Passou a noite inteira olhando para mim como uma águia pequena, enquanto flutuávamos num vazio sem fim... os remos batendo na superfície das ondas. Batendo. Batendo. E Yafa mergulhava feito tocha nas águas do horizonte, longe, e se apagava em nossos olhos pouco a pouco. *Cuidei de você como cuidei de minha própria vida, sua vaca. Estive sempre à disposição, noite e dia, sem cansar. Queria que você fosse uma mulher honrada, que se casasse com um homem honrado. Mas você abriu suas pernas para o primeiro homem, para o primeiro canalha. Agora carrega uma criança em seu útero, sem nenhuma consideração por mim, nem por ela. Você foi uma vaca, foi, foi sim. Mas você vai se enfiar nas calças dele com a outra, e ele vai dividir vocês. Lá, você morrerá, e eu direi a sua mãe que você morreu, que eu a enterrei dentro das calças de um homem asqueroso, com outra mulher e seus cinco filhos. E uma sexta criança a caminho.* Como poderemos viver juntos? Você vai morar aqui comigo e abandoná-la? E pensar que nem sequer fiz essa pergunta! Talvez você fique uma noite inteira sem vir aqui, pois estará na cama dela, e ao voltar da casa dela para ir à escola, baterá em minha porta. Ou não baterá. Oh, meu Deus! Nunca havia me ocorrido que moro no meio do caminho entre a casa dela e a escola. E você é capaz até de passar diante de minha porta sem sequer virar o rosto na direção de minha casa. Você puxa o cabelo dela quando estão

tentando chegar ao auge daquele prazer doloroso? “Já lhe disse para parar de pensar nela e pensar em mim quando estou com você.” Ergueu-me entre seus braços robustos, fazendo com que o relógio ficasse bem diante de mim, com seus ponteiros batendo ausentes naquela penumbra. E mergulhamos juntos numa espécie de inconsciência. Como Hamed poderia entender isso? Ele sempre foi um homem maravilhoso, mas é meu irmão. A passagem do tempo não significava nada para ele; enquanto, para mim, era uma morte que se anunciava todos os dias, no mínimo duas vezes. Para ele, eu me transformava, a cada dia, em uma simples mãe. E ele em algo ilícito. Nunca em sua vida pensou que meu envolvimento com um homem de verdade fosse acabar conosco. Nem com nosso pequeno mundo, belo e insignificante, aquele que fomos forçados a escolher. Um mundo despreparado para aceitar outra solteirona. O que você esperava, portanto? Ele saiu de cima dela, deitou-se nu, ofegante, e ficou olhando para o teto: “Você estava ausente, eu sei! Estava como um pedaço de lenha. Mas isso não vai durar muito. Sei como domar você”. E se calou por um instante, depois disse, com um suspiro: “Fathia era como você no começo”. “Então seu nome é Fathia?” “Ora! Você não ouviu nada do que eu disse, só Fathia... Fathia... O que quer que eu faça? Que me divorcie dela? Você não quer isso. Você é mais jovem que ela, mais bonita. Por que tem medo dela? Espere para ouvir o que ela pensa!”

Levantei-me de tal forma, que fiz ranger a cama, e fui para o outro cômodo. Eu tinha uma amiga na escola de inglês, em Yafa, que piscava os olhos sempre que falava. Falava de amor o tempo todo. Vivia esfregando os lábios, que pareciam sempre grossos. Na hora das aulas, mordia-os para deixá-los de um vermelho vivo. Era franzina, e seu corpo firme dentro do vestido azul-marinho parecia o de uma gata no cio. Sempre escrevia e recebia cartas. Falava de um homem que chamava de “ele”, enquanto piscava os olhos. Onde você está agora, Fathia? Seu pai sempre dizia que não deixaria Yafa, nem mesmo se ela se transformasse em ruínas. Quando conversava, repetia: *ahlan wa sahlán*,* como o anfitrião de uma hospedaria beduína. Um dia, quando o visitamos durante um bombardeio, ele entrou no aposento, pegou um livro e se virou subitamente para mim:

- O que seu pai decidiu fazer, Mariam?
- Não sei, mas ele tem intenção de ficar. Pelo menos, é o que diz.
- *Ahlan wa sahlán*. Também tenho intenção de ficar.

Dirigiu-se para fora, enquanto Fathia piscava e sorria ao olhar para o traseiro flácido do pai. Antes de sair, ele se virou para nós:

— Por que tenho de partir? Se ocorrer um desastre, ahlan wa sahlán, o destino não pode nos rebaixar a seres inferiores a macacos.

Quando ele desapareceu no fim do corredor, Fathia se voltou para mim:

— Um dia casarei você com meu irmão Fathi... Ele está à procura de uma noiva. O que acha da ideia?

— Já lhe disse que pretendo continuar meus estudos.

Fathia piscou, sorriu e mordeu os lábios:

— Diga isso a outra pessoa.

Minha mãe dizia a mesma coisa: “Se Fathi pedir sua mão eu não direi: está bem. Direi, como seu pai diria: ahlan wa sahlán”. Meu pai, parado diante da porta, com um ar zangado — tremia toda vez que ficava bravo —, gritou com a voz alta e rouca: “Não fale sobre casamento antes de a questão acabar”. Quando dizia a questão era como se um perigo terrível e iminente nos rondasse. Tinha um jeito especial de dizer aquilo. Dizia a questão com rigor e ênfase na última sílaba. Hamed adquiriu esse hábito dele, creio. *Carregavam-no pela rua. Eu estava parado diante da porta quando um dos homens me perguntou: “Você é Hamed?”. Comecei a chorar. Minha mãe apareceu na janela e chorou um choro rasgado. Outras janelas se abriram, deixando passar as lamúrias. Os homens subiram calados pela escada com ele embrulhado em dois casacos. Seu braço nu balançava caído. Mariam não estava. Se estivesse e visse a cena, poderia enlouquecer. Isso é o que dizia minha mãe até o último instante. Mandou-me esperar por ela, no começo da rua, para dizer que passasse a noite na casa de nossa tia. Depois fui mandado para lá também. Minha mãe ficou sozinha, rodeada pelas vizinhas que choravam com ela. No dia seguinte, toda Yafa ardia em chamas. O centro da cidade se transformou em um monte de ruínas pretas, ainda ao som incessante das balas. Então minha tia levou minha mãe para sua casa.*

Agora as luzes ficaram para trás, bem longe, pálidas e silenciosas. Ouvia-se um barulho contínuo atrás da colina, por onde os caminhões abriam caminho na noite. Eu estava num lugar seguro. Soprava um vento frio e fresco. Tentei ver as horas no relógio de pulso, mas estava muito escuro. Ocorreu-me que, naquele lugar, o relógio já não me servia de nada, apenas a claridade do dia e a escuridão da noite. Naquele mundo sombrio, que se estende até a eternidade, um relógio nada mais era que uma corrente de ferro que expelle medo e terror.

Finalmente, tirei o relógio e a atirei no chão. Escutei-a bater com um som sufocado no solo, e o tiquetaque soou dentro de mim com um som triste e abandonado, como um pequeno coração de metal no corpo de um gigante. Quanto mais os passos dele se alijavam, mais ela implorava por socorro, num giro diabólico, voltada para o céu preto como se esperasse que algo insano acontecesse. E pouco a pouco esvaneceu. Ela, cuja única função neste mundo era assinalar a passagem do tempo diante de uma eternidade imóvel e silenciosa.

Senti-me mais aliviado, a sós com a noite, sem nenhum intermediário. O muro entre nós ruiu, e agora nos encontrávamos face a face, num verdadeiro combate, honroso e com igualdade de armas. Diante de mim estendia-se uma imensidão soturna, formada por milhões de passos, alheia por completo àqueles dois pequenos ponteiros; seu tempo breve, tenso e idiota encolheu, e, sobre os seixos frios, parecia a única coisa neste universo fora do verdadeiro tempo, como o zunido de um zangão a girar loucamente em volta de si mesmo, na superfície de um rio em que não se pode ver a margem nem o fundo. Depois de alguns passos, senti como se tivesse amputado minha mão. Desejei me entregar àquele sentimento e deixar que meus pés me conduzissem aleatoriamente por aquele chão duro. Logo me dei conta de que não fora uma amputação; cheguei a essa conclusão pelo desejo que sentia de me livrar dela. Ela ficou ali, deitada num lugar que se tornou desconhecido e impossível. Na verdade, foi como arrancar uma casquinha seca de uma ferida, que me causou muito prazer; como se ao extrair bem devagar aquela cobertura de sangue coagulado, extirpasse com ela a própria lembrança da ferida ali grudada, sem sobrar nada senão uma mancha clara, que não remetia a coisa alguma. E de repente o relógio enlouqueceu, mergulhada em seu exílio, soando para si mesma e erguendo um muro intransponível, como fazem os loucos, entre ela e o mundo.

Chegou calmamente, acendeu a luz, sentou-se na cadeira e olhou para mim disposto a iniciar uma longa conversa. Parecia hesitante, tragava seu cigarro enquanto as batidas do relógio se distanciavam de mim, como se a muleta solitária tivesse encontrado um corredor e começasse a testá-lo com afinho.

— Você vai ficar sentada aqui, esperando a chegada dele?

— Sim, é o que parece.

— Mas, para você, ele nunca chegará.

— Como?

— Você não vai saber se ele chegou. Como saberia?

— Ele vai me escrever. Foi o que disse.

— E se...

— E se, o quê?

— E se ele escrever, a carta só chegará cinco dias depois, entende? Vou explicar melhor. Você não vai sossegar até ele escrever, não é isso? Bom, se ele escrever amanhã, a carta só vai chegar depois de cinco dias; isso significa que para você ele continua caminhando por mais cinco dias. Eu acho que ele não escreverá. Quando deixou Gaza, queria fugir de você. Por que então lhe escreveria? E se ele nunca escrever, para você, ele nunca terá chegado.

— Que bobagem.

— Se você ler no jornal amanhã cedo a notícia de que mataram um dos fugitivos na fronteira...

— Chega!

— Estamos só conversando, não é? Por que está zangada? Quero dizer que se acontecer um acidente com ele, e os jornais noticiarem amanhã de manhã, isso será...

— Já disse que chega.

Ele se calou por um momento, enquanto aqueles golpes metálicos, firmes e secos do relógio entravam pela fresta da porta semiaberta. Passei a contá-los um após o outro, e creio que ele contava também, pois suspirou e espalmou as mãos diante de si.

— Agora são onze horas... Resta-lhe mais que o dobro para percorrer, e nós estamos sentados aqui feito dois idiotas, sem poder fazer nada para ajudá-lo, nem para prejudicá-lo... Mas, por Deus, o que ele foi fazer na Jordânia? Foi ao encontro de sua mãe, hein?!

Aquela foi a primeira vez que tivemos notícias de minha mãe: num dia de inverno, muito frio, bateram na porta após o jantar. Apareceu uma idosa, enrolada num cobertor desbotado e encharcado de chuva. Perguntou-me: “Onde está sua tia, Mariam?”. Abri espaço para que ela entrasse e uma notícia saiu de sua boca desdentada: “A irmã dela, Umm Hamed, acaba de aparecer na rádio, pedindo notícias dela, de Hamed e de Mariam, e querendo saber onde estão”. Minha tia começou a chorar e vi lágrimas escorrerem entre as rugas de seu rosto vincado por valas acostumadas a essas águas. Sentada de cócoras no meio da sala, apertou Hamed entre os braços, pedindo com palavras entrecortadas que ele chorasse com ela. Decidimos então escrever uma carta

para a rádio em busca de mais informações. E Hamed insistiu que a carta fosse endereçada a Umm Hamed. Acabamos decidindo por uma forma. Recebemos uma resposta após quatro dias. Ele se levantou e, como um fantasma, passou por mim, dirigiu-se para o quarto e de lá me chamou para dormir. Não respondi. Ele insistiu mais uma vez e, por fim, calou-se. Após alguns instantes, escutei sua respiração pesada e ritmada. Levantei-me, apaguei a luz, deitei na minha cama e fechei os olhos. Via-o caminhar com o passo firme por aquela terra remota. Parecia, naquele momento, que me olhava fixamente, com um olhar zangado e sem esperança. Estava só. Talvez perdido, abandonado. Passei de novo a contar seus passos enquanto Zakaria, mergulhado em seu sono, repousava o rosto quadrado e tosco no travesseiro. Meu Deus, o que ele foi fazer na Jordânia? Será que quer cruzar o deserto inteiro só para chorar no colo da mãe? Pobrezinho, é como uma criança grande! Viveu toda a vida diante de uma sombra protetora que criou para si mesmo por quinze anos ou mais. Mas não se abrigou nela. Esperou acontecer outra tragédia. Fez de sua mãe distante um abrigo para se refugiar num dia difícil. E foi aperfeiçoando e preparando esse abrigo até o ponto de esquecer de se preparar para ser um homem que não necessita de abrigo nenhum nos momentos adversos... O que você pensava, pobre Hamed, que esta terra fértil continuaria eternamente proibida a um arado? Que eu passaria a vida diante de suas calças penduradas, pensando num homem de Yafa, chamado Fathi, que junta silenciosa e orgulhosamente um dote a altura da filha de Abu Hamed? Yafa se perdeu, seu infeliz, se perdeu, se perdeu. Fathi se perdeu. Tudo se perdeu. E você pendurou este caixão diante de mim para soar em meu ouvido, noite e dia. Essa triste realidade. Foi você quem me apresentou a Zakaria. Foi você quem fez minha mãe se transformar em mera ilusão. *Acha que esta mãe, que você mal conheceu, iria lhe dizer: “Pobrezinha da Mariam! Que vida triste foi essa, que a fez aceitar este fim? Ela, uma rosa em flor, prendada, tão instruída, de família e berço. Que triste vida a fez aceitar Zakaria como marido, com toda sua idade, sua mulher e seus filhos? Meu amor, meu amorzinho...”*. O que imaginou quando, num instante de arrebatamento, decidiu deixar tudo e ir em busca de sua mãe? Pensava que ela se levantaria, atravessaria o deserto com você de volta a Gaza, invadiria a casa, jogaria Zakaria na rua e devolveria a Mariam sua pureza, sua ambição e sua juventude? Bateu o pé e começou a tremer. Desta vez, parecia estar decidido. Imaginei seus pés se enfiando em meu peito, como dois troncos de uma árvore

impossível de se arrancar. Eu tinha certeza de que ele não voltaria. E, por um instante, de que ele tampouco continuaria, que permaneceria plantado ali, respirando sozinho no espaço vazio até morrer em pé, como seu pequeno relógio, que deixou só, a bater para si mesma até parar, sem ninguém para dar corda. Depois, como que por sua causa, sob seu olhar congelado e ausente, o céu se abriu e fez brotar um halo de luz púrpura, que caiu sobre ele como uma cachoeira imaginária. E eu o vi então pela primeira vez. Tinha o rosto áspero, talvez por causa da barba nascente, da cor da poeira, com as sobrancelhas ligadas sobre os olhos pretos e estreitos. Acima de sua testa reta, os cabelos enrolados, escuros, curtos e empoeirados brilhavam feito prata. Seu casaco também era áspero, e suas mãos grandes e brutas. Seu corpo jovem, robusto e ágil, por baixo daquelas roupas apertadas, parecia o corpo de um gato selvagem. Era tão moreno — de uma cor que só se pega quando se queima ao sol por gerações —, que parecia ter sido lavado, dia após dia, com lama e sangue. Uma morenice quente e com significado. Aquele halo de luz brilhante permaneceu ali pendurado entre o céu e a terra por mais alguns instantes. Logo, os raios ficaram verdes, e com eles as dunas ao longe passaram do marrom ao amarelo-escuro. Subitamente, a noite surgiu do horizonte, invadiu de novo o céu e plantou atrás de si as estrelas em seus lugares fixos. Ele permaneceu parado ali, feito um portão escancarado, que abriu seus braços de repente. *De um inferno a outro, o que você fez, imbecil, senão se jogar num abismo? O que quer que sua mãe diga? Que era melhor você ter degolado ela com suas próprias mãos? Ter jogado ele no inferno e limpado as mãos ensanguentadas em seu rosto, nas paredes da casa e ficado lá? Mas você se acovardou. Não, não era covardia. Era um jogo... E isso aqui também é um jogo. Você quer pôr sua mãe entre você e Mariam? Quer fazer dela um muro de esquecimento? Quer o eco de uma nova tragédia? Sua mãe sempre foi para você uma heroína ausente, pronta para sacar da bainha uma espada diante de qualquer dificuldade que você encontrasse. Toda a vida você se apoiou nela. O que quer agora dessa heroína imaginária a quem você entregou aquele cavalo de madeira insignificante, feito de seu fracasso e de sua impotência? Sente-se aqui sob este céu, dobrado sobre si mesmo, e pense com calma: Giza se foi agora, apagou-se atrás de você na noite. Todos os novelos de lã se desenrolaram completamente e você não é mais aquele carretel que se emaranhou por dezesseis anos. Mas quem é você?*

Caiu de joelhos como que derrubado por uma mão invisível. Aquele halo

de luz verde imergiu num ponto do céu e arrastou consigo o brilho que havia lavado a escuridão. E no último clarão, ajoelhado ali, com as mãos sobre as coxas, ele parecia uma criatura expelida por aquele feixe de luz, que havia retornado como chegou: solene e silencioso. *Tem certeza de que ela também não se casou? Balançou a cabeça com violência, como se quisesse se livrar de uma imagem grudada dentro dela, como sabe que ela não se casou logo que se perdeu de vocês? Nas cartas que escrevia, sempre dizia que vivia com o irmão, que cuidava dos filhos dele. Tudo o que você tinha a fazer era acreditar. Mas, se ao entrar em sua casa, ela lhe disser: “Este é meu marido. Eu tinha de casar quando percebi que perdi tudo”. O que você fará? Retornará para Gaza? Imagine isso. Imagine que ela diga a você: “Eu tinha pouco menos de quarenta anos e estava só. Tinha de escolher entre passar minha vida como empregada de seu tio e dos filhos dele, ou com um marido que, quando eu morresse, me compraria uma mortalha e uma lápide. Hamed, meu filhinho. Meu pobre filho. Por que você tinha de se chocar com o mundo de forma tão trágica?”* Por que não trouxe um guia ou uma arma para acompanhá-lo nessa travessia tão difícil? Ele parecia triste, destruído, cansado e perdido. Sem que se desse conta, a noite se esvaziava a sua volta. Se eu pudesse, teria dito algo a ele, mas o silêncio é minha sina. Jogado naquela escuridão, torturado e cansado, não dizia uma palavra, *nem uma só palavra. E ele bate. Bate. Bate. E não me resta nada senão a espera amarga, que sei que não passará, a não ser que eu leia seu nome no jornal da manhã... Finalmente tudo se acabará. Nada restará a não ser eu, Zakaria e ela com seus filhos, parada aos pés da cama, a olhar para mim, nua entre os braços dele, saciando minha sede com a água de seu poço, lambendo o peito dele como uma cadela. “Diga-me, Hamed: você nunca esteve com uma mulher?” Ele me olhou de repente como se eu o tivesse esbofeteado. Talvez tenha se dado conta de que essa pergunta, que lancei de maneira repentina, ocorrera-me ao fitar seu corpo nu, envolto na cintura por uma toalha. Pergunta que saiu de minha boca com raiva. Ele apertou a toalha no ventre e questionou: “O que você quer dizer?”. “Quero dizer: você nunca pensou em casamento?” Ele balançou a cabeça. “Casarei quando, novamente, juntar a família numa casa melhor do que este buraco detestável.” Dei uma volta a seu redor e insisti: “Você não respondeu a primeira pergunta: não esteve com nenhuma mulher?”. Encarou-me de novo com surpresa e, talvez pela primeira vez em sua vida, mediu-me com os olhos daquela maneira. Então começou a pentear os cabelos. Seus cabelos eram crespos, grossos, rebeldes e muito escuros. Quando os penteava, não usava o espelho. Jogava-os para trás e sabia que momentos depois*

voltariam a se enrolar. A princípio, aquilo o deixava furioso, mas, com o tempo, perdeu esse cuidado. Naquela noite, chegou tarde e fez muito barulho para me acordar. Quando abri os olhos, ele ainda estava vestido. Soube de imediato que queria responder à pergunta da manhã, com aquele jeito de atuar que não conseguia representar bem. Procurava por algo sem querer achar. Dirigiu-se a mim com a intenção de continuar uma conversa que parecia ter sido interrompida há pouco: “Eu o vi ensanguentado com meus próprios olhos. Carregavam-no pela escada envolto em dois casacos sujos. Seu braço pálido balançava entre os homens, para frente e para trás, como se me chamasse para segui-lo, e subi os degraus, em prantos, por entre os passos pesados e firmes daqueles que o carregavam. Você dirá que é imaginação minha, mas eu jamais me esquecerei disso... Vão lhe contar um segredo que nunca revelei a ninguém: um dia, invadi o quarto deles. Não sei bem por quê, mas logo que abri a porta e cruzei a soleira, vi os dois na cama. Acho que estavam nus, mas me lembro apenas de seu braço, moreno, forte, em volta da cintura branca dela. Virei-me rapidamente, com os olhos fechados, e saí correndo. No dia seguinte, ele veio a mim, sentou-me diante dele e iniciou uma conversa. Não me lembro de nada agora, isso é tudo o que recordo de meu pai... Tudo. Tudo isso... Este é ele... Apenas um braço: uma vez, abraçando minha mãe; outra vez, ensanguentado, morto... Isso é todo meu pai. Todo ele”.

Garoto, todos o chamavam de garoto. E agora você, de tão pequeno, encolhido neste vasto lugar, parece uma bolha de ar que flutua, invisível, incapaz de escolher um rumo. Talvez preferisse passar o resto de sua vida aqui, de joelhos, jogado, com a testa quase tocando o chão, à espera de um chute forte para que possa se levantar, com a humilhação a corroer seu corpo, igual sarna. Mas o que você procura aqui é o olhar de Salem, que ainda lhe remói as entranhas. Não lhe restará nada senão um chicote para açoitá-lo, como fez Salem ao longo de anos de vazio e silêncio que ele deixou para trás quando partiu. Um dia, apenas uma semana após sua chegada a Gaza, Salem me pegou pelo braço e perguntou: “Você nunca teve vontade de ter disparado uma bala numa batalha da qual não teve a chance de participar?”. De repente, tremi diante daquele homem perigoso, a apenas um palmo de distância. Ele seguiu sem se dar conta de meu tremor: “Pelo que sei, mataram seu pai. Todos esses anos você rangeu os dentes por rancor, ameaçando e prometendo se... Ora!”. O sorriso desapareceu nas faces levantadas, e ele apertou os olhos: “Temos todo o necessário. Você vem?”. Mas, no dia seguinte, levaram-nos para

a parte de trás do quartel e nos puseram em fila única. Zakaria. Zakaria. Zakaria. Eu já esperava por aquilo, mas ninguém acreditou em mim. Quando o levaram para além do muro, vi com meus próprios olhos ele acompanhar Zakaria com um olhar intenso de desprezo. Seu rosto adquiriu, subitamente, a expressão terrível, paralisada e altiva daqueles que sabem que vão morrer em praça pública, diante de todo mundo, por uma causa que todos respeitam. Nossos olhares se voltaram para Zakaria, que permanecia em pé com as mãos cruzadas e os olhos fixos no chão, sob a chuva, à espera do som de uma bala órfã, disparada atrás de nós. Zakaria tremeu e se encolheu, como se tivesse sido atingido no abdômen. Achamos que cairia. Ouvimos outro disparo, e todos os olhares, como se houvésssemos combinado, voltaram-se para Zakaria, que permaneceu parado diante de nós. A terra tremeu. O oficial retornou com um sorriso de satisfação no rosto e gritou: “Voltem para casa. Vocês já viram o suficiente”. Pegamos nossa humilhação e retornamos ao quartel. *Entrou em casa com o olhar calmo e seco, sentou-se, mordeu os lábios e me encarou. Em seguida, levantou-se, foi para a cozinha e de lá anunciou: “Hoje mataram Salem, e amanhã pode ser a vez de qualquer um de nós”. Eu o segui e o vi encher a bilha de água. Ele não tomava água senão diretamente da bilha. Notei que seu rosto estava pálido. Depois de beber, virou-se para mim: “Talvez amanhã seja a minha vez”. Saí da cozinha, fui em direção à janela e senti seus passos atrás de mim. Perguntei: “Sua vez? Por quê? Você não fez nada. Mataram Salem porque... você sabe, de qualquer maneira, você sabe... Por que eles matariam você?”. Sem dúvida ela queria me acalmar, mas o que ela não sabia é que me trouxe uma humilhação nova: por que eles o matariam? É outro idiota, que pode continuar a levar uma vida idiota e ter uma morte idiota, e ali estava ele tendo uma morte barata, *prostrado sobre mim, como se a tempestade fria houvesse derretido seus ossos e o fizesse cair sem querer. Continuará como um esqueleto algemado ao sol e à areia para sempre, como uma placa numa estrada, que indica nada mais que o vazio sem fim.**

Outra vez fiquei no escuro à procura do relógio pendurado diante de mim. Talvez fosse quase meia-noite. Minha visão se acostumou à penumbra. No círculo, com aquela luz cinza intensa, consegui ver os dois se aproximando um do outro com ânimo e firmeza: dois ponteiros pretos sobre a brilhante esfera branca. Senti seus passos baterem ofegantes, à espera do momento do encontro, enquanto Zakaria virava-se para o outro lado, imerso em sono e sonhos. Fixei meu olhar o máximo que pude naquele ponteiro preto que

rastejava sobre o fundo branco do relógio, e pensei: que trabalho ele tem o dia todo para realizar um breve encontro, enquanto a outra flecha curta, parada, o espera com frieza, pendurada como uma estaca sobre a cabeça! Apesar disso, se ambos se encontrassem, se abraçassem e lá permanecessem, morreriam ali, como todos os desejos que se esvaem ou diminuem quando se realizam. Depois, o relógio se calou por um instante, como se adotasse um ar solene para anunciar uma notícia ruim aos ouvidos de uma multidão de súditos diante de Sua Majestade. O ponteiro grande pulou, grudou-se ao pequeno e os dois sumiram juntos no som metálico das doze badaladas. As últimas batidas chegaram como o jorro final do sêmen e aliviaram o peso que reinava no ambiente. Logo, o ponteiro grande seguiu, ecoando seus passos solitários no vazio. Meia-noite. Dentro de quatro horas, no máximo, nascerá a luz, um inimigo cruel para os fugitivos. Repentinamente, ele pulsou em meu ventre, e senti pequenos movimentos expandindo-se em meu corpo. Aquela foi a primeira vez, num escuro sem fim, que senti ele se mexer. Começou com pequenos movimentos, que mais pareciam os de um pássaro preso entre minhas mãos. Depois fiquei em dúvida se aquilo era real. Coloquei a mão aberta sobre ele, que ficou quieto, distante, talvez zangado. Chamei-o de Hamed, me retraí e comecei a chorar sem razão, ou por todas as razões.

Eu tinha certeza de que isso aconteceria. Um cometa diminuto e púrpura surgiu por detrás da colina, escalou a escuridão, projetando-se com pequenos pulos nervosos, e trouxe consigo uma cauda entrecortada de faíscas azuis, até se cansar, explodir com a voz oca e se transformar numa nuvem lilás luminosa, que ficou pendurada com firmeza no fim de um meio arco-íris de fumaça branca, desenhado pela passagem do cometa. Depois, pouco a pouco, a nuvem começou a se condensar e a chover pequenas faíscas. A terra se iluminou de repente, ficando ainda mais misteriosa, mais irreal. E pela primeira vez desde que comecei a caminhada por este deserto, senti pavor, um pavor sem igual. Pareceu-me que aquela duna, que a luz espalhou bem na minha frente, ocultava um ifrite, um homem ou um profeta, impossível saber. Tentei com toda força controlar os nervos e conter os músculos de minhas pernas, que tremiam como as de um animal acuado. Eu me contive e tentei raciocinar; certamente um grupo, ou um só homem, lançou o sinal luminoso atrás da duna. A condição de estar só aticava em mim o desejo de defender minha vida com ferocidade. Controlei a respiração, os movimentos e os pensamentos ao mesmo tempo. Deitei-me no chão e apertei

o solo com toda a intensidade. Se esse homem lançava um sinal de luz é porque queria que o localizassem. Com isso tive a sensação de estar em perigo, e para que não me vissem, agarrei-me mais ao solo, o máximo que pude. Era certo que estava atrás da duna, de onde surgiu o sinal luminoso. Apesar disso, talvez ambos estivéssemos perdidos. *Ele era totalmente ignorante, mas esse perigo misterioso que o havia surpreendido, sem que tivesse um momento para refletir, colocou todos os seus instintos na ponta dos dedos. Deitou-se imóvel, bem colado a meu peito, ao ponto de eu sentir sua pulsação morna e regular fluir em mim. No silêncio absoluto que nos rodeava, ouviu-se um ruído de passos lentos sobre a areia, justamente por detrás da duna.* Meus sentidos começaram a trabalhar, todos de uma vez. Passei a medir a distância pelo som dos passos ao longe, que pareciam vir vagarosamente em minha direção. Pela primeira vez na vida desejei ter uma arma num lugar como este, onde era impossível encontrar uma pedra ou algo parecido. Diante de mim, no topo da duna, eu pude ver uma cabeça mais preta que a escuridão do céu à noite. Parecia alguém indeciso e, naquele instante, como se estivesse prevendo um perigo inesperado, lentamente e encolhido, escalou a duna. Por fim, parou sobre a parte plana. Parecia a sombra escura de uma estátua de pedra, na qual pulsava a alma de um fantasma. Desceu o declive com cautela e veio em minha direção. Prendi a respiração, pois o silêncio imparcial consegue levar tudo. Minha única arma, para encará-lo, era a surpresa. Essa arma me fez sentir uma força desconhecida, que trabalhava a meu favor. O som dos passos foi ficando mais alto e mais nítido. Pensei que talvez estivesse armado, porque um homem como ele, só, no deserto, que carrega um revólver sinalizador, traz consigo também uma outra arma. Talvez fosse um soldado treinado nas artes marciais. Imaginei que, se ele passasse a dois metros de distância, tudo poderia acabar em paz. Mas parecia vir intencionalmente em minha direção. De repente, estava diante de mim. A terra me lançou para cima dele e caímos juntos. Quando segurei seus braços com as mãos e prensi meu corpo sobre o seu, percebi que eu era mais forte que ele. Com vigor e cautela, cravei os joelhos em suas coxas. Ele gemeu e disse algo. Mas antes que ele pudesse pensar, joguei um punhado de areia em seu rosto. Com isso pude examiná-lo com cuidado: tinha um pequeno fuzil sobre os ombros. Joguei-o longe, mas fiquei com a faca comprida e arranquei dele o sinalizador. Ele suspirou de alívio. Mas a surpresa o deixou paralisado. Protegeu seu corpo, jogado como estava, e desatou a falar,

repetindo a mesma frase. Por fim, sentou-se calmamente, limpou os olhos com os dedos e cuspiu a terra dos dentes. E mais uma vez disse uma frase entrecortada como se quisesse me insultar. Mandeí ele se calar. Colocou as mãos no solo para se apoiar e, com uma rapidez espantosa, ficou de pé; pendurou-se em meu pescoço com as mãos finas e ásperas, mas senti a faca em sua barriga. Voltou atrás e olhou ao redor indeciso. Só então percebi que ele não se intimidara por causa de minha força, mas porque pensava ter encontrado seus companheiros. Tinha ficado bravo pela brincadeira ou pelo engano. Nunca imaginou ouvir uma palavra em árabe num lugar tão remoto. E parece que ele precisou de muito tempo para acreditar. Ficou ali parado, sem saber o que fazer, bateu nas pernas e, por fim, sentou-se com a cabeça entre as mãos. Eu me sentei a seu lado, segurando a faca com firmeza. *A espera tornara-se para mim um hábito, e pensei que seria possível dormir agora. Mas não. Comecei a imaginá-lo como uma criança encarando um mundo estranho, selvagem e cruel, feito um brinquedo destruído e espalhado em pedaços, que seus pequenos braços não conseguem alcançar. Decidi vê-la. Soube, naquele instante, que essa seria a primeira coisa que faria pela manhã. Iria até ela, bateria em sua porta e diria: “Sou a outra”, e a deixaria olhar para mim como bem quisesse. Mas vou conhecê-la e, assim, saberei como lidar com ambos. É inútil ficar aqui sentada e esperar. Vou me condenar à morte se eu permitir a ele me considerar apenas uma passagem em sua vida, entre a escola e a casa, um lugar para depositar o esperma e seguir adiante... Que espera, Mariam. Uma longa espera que fez de você apenas uma passagem! Que espera! Seus passos batem na parede durante a noite, passam sobre você no caminho de... E no caminho para... Batem. Batem. Batem. Escapam entre os dedos como areia, enquanto sua longa viagem termina em algo tão insignificante como isso. Uma passagem. Tudo o que você havia desejado ter e nunca terá passa por cima de você.*

Os dois continuaram sentados naquele imenso vazio, como dois fantasmas, separados apenas pelo gume de uma faca. Pareciam dois seres irreais rodeados pelo vento frio da morte, à espera do momento verdadeiro e único, tão distante de seus ombros tão próximos. O encontro naquela imensidão sem fim parecia obedecer a um estranho destino. Talvez fosse o acaso. De qualquer forma, era algo inevitável. Haviam se sentado juntos para tentar entender para crer e, finalmente, perguntei-lhe: “De onde você vem?”. Ele ergueu a cabeça, e tentou distingui-lo na escuridão, mas a noite estava muito escura. Mastigou uma única palavra e cuspiu. *Apertei a ponta da faca na sua*

cintura e perguntei-lhe mais uma vez: “De onde você vem?”. Pensativo, ele se calou por um instante. Fez um gesto com a cabeça, estendeu as mãos diante de si e emitiu uma palavra entrecortada. Tentou ficar de pé. Mas obriguei-o a permanecer sentado. Sem opor resistência, ele voltou a seu lugar e espalmou as mãos, perplexo. Procurei manter a calma e perguntei: “Zaharia é muito longe daqui?”. Balançou os ombros e esticou as mãos. Lembrei-me do sinal luminoso. Sem dúvida ele espera a chegada de uma patrulha, que deve estar próxima. Eu me arrependi de ter jogado o fuzil longe. De qualquer maneira, não saberia usá-lo. Talvez fosse melhor não usá-lo pois, nesse silêncio absoluto, soaria feito um trovão por todas as bordas do deserto. Agora, tenho um refém e não sei para onde levá-lo nem o que fazer com ele. Quem sabe tivesse sido melhor tê-lo logo degolado durante nossa breve luta. Agora, isso parecia impossível, senão inútil e acima de minhas forças. Ouvia-o respirar a meu lado. Parecia cansado, perdido, hesitante, mas atento e à espera de qualquer surpresa que brotasse entre seus pés. De repente, todas as horas daquela noite eram como um sonho vagaroso, horrível, inacreditável, uma perdição sem fim e uma cascata de pesadelos bestiais. E aqui estou, a encarar outra vez uma situação nova, sem saber como lidar com ela. Comecei com um sorriso, depois explodi numa gargalhada. E Zakaria se virou, olhou para mim, voltou a dormir e pensou que talvez fosse ele quem tivera um sonho insano. Talvez você só saiba hebraico, mas não importa. Ouça apenas! Não é realmente inusitado nos encontrarmos assim, neste vazio, sem que possamos nos entender? Ele continuou com o olhar fixo em minha direção, enigmático, indeciso, um tanto desconfiado, mas com certeza apavorado. Quanto a mim, eu já tinha superado o pavor e alcançado um sentimento estranho, inexplicável. De qualquer modo, você não pode continuar desse jeito, como um fantasma. Precisamos encontrar um nome para você e inventar uma vida qualquer. Temos muito tempo para isso. Até eles encontrarem você pelo faro de seus cães, terei terminado de criá-lo; assim, degolar você terá algum valor. Somente uma de nós deve permanecer: eu ou ela; porque nem mesmo o diabo pode viver entre vocês dois, duas alucinações, duas partes de uma prensa entre as quais serei esmagada. Bem, vamos com calma: “Qual o seu nome?”. Bobagem, mesmo que você entenda o que eu falo, não dirá a verdade. Giramos num círculo vicioso, e o tempo não pode estar contra nós dois de uma mesma forma. Talvez seus companheiros estejam mais perto de você do que imagino, mas você está mais perto de mim do que eles imaginam; e a história, como você pode ver, é uma questão de distância, nada mais, e talvez de tempo, quem sabe. Bem, como você pode ver, não ligo muito para o tempo, e a

distância está a meu favor. Você está mais perto de minha arma do que eu dos canos dos fuzis deles. E tem outra coisa importante que deve levar em conta: você ser morto aqui, a poucos passos deles e de seu quartel, pode ser mais importante do que eu ser morto, um simples inimigo que se infiltrou em sua fortaleza, só e desarmado... As coisas aqui são totalmente relativas, e estão a meu favor também, o que é muito estranho. Há poucos instantes, tudo neste universo conspirava contra mim, e todas as coisas em Gaza e na Jordânia não trabalhavam a meu favor. E eu estava parado aqui, exatamente aqui, neste lugar rodeado de perdas por todos os lados. Venha cá para eu lhe dizer algo muito importante: eu não tenho nada a perder agora e você deixou escapar a oportunidade de fazer de mim um ganho. Se eu pudesse fazê-la entender que não tenho nada contra ela e que todas as coisas aconteceram sem ter nada a ver com ela... Mas qual a importância dessas palavras? O fato é que sou a segunda esposa no colo de seu marido. Serei mastigada noite e dia na boca dos vizinhos e das mulheres: “Essa é quem roubou o marido de Fathia, aquela coitada, com cinco filhos correndo na rua aos olhos de Deus e das pessoas”. E você, o que dirá? Você, você, você. O que significarei para você? Eles dirão: “Seu irmão quase enlouqueceu e fugiu, carregando sua vergonha. Teve o primeiro filho com apenas cinco meses de casada. Que vexame!”. Vão todos para o inferno! E você. Você. O que dirá a eles? Eles dirão: “Casou-se com ela de graça, uma menina abrasada, que tinha uma casa com dois cômodos, duas camas e uma frigideira. Ele conseguiu mandar embora seu irmãozinho que desapareceu, sem dar notícias”. Mentirosos! Mas você... você, o que vai dizer, Zakaria? O que vai dizer? Agora que só tenho você, quando todos se apagaram em minha volta, o que você dirá?

O céu se elevou e, no horizonte, uma linha fina e cinza se estendeu e lá ficou. Um momento depois, as estrelas apareceram menos brilhantes e mais distantes. A herança do silêncio legou-lhe um novo medo, que passou a circundá-lo. A espera se transformou num charco profundo. Parecia que o tempo era seu inimigo, mas Hamed permanecia imóvel e decidido a ficar aqui até o fim. Ele superava o outro porque, como eu, não esperava nada. Para mim, a espera significava permanência, não passagem; ele estava perdido, o outro também. Porém para ele isso não tinha nenhum significado. Não por não estar ciente, mas por já não querer ir a nenhum lugar. Desde o começo da noite foi cercado ferozmente nesse pedaço de terra, que agora havia se tornado seu reino. *De repente, lembrei-me dele. Virei-me e perguntei: “Você conhece um homem*

de Gaza chamado Salem?”. Ele não se virou. Continuou a olhar para a terra entre seus pés. Prossegui: “Pergunto, pois pode ter sido você quem o matou. De qualquer modo, veremos se a luz da manhã esclarece isso”. Repentinamente, ele se voltou para mim e desandou a falar sem parar. Bravo e inquieto, gesticulava com os braços para frente e para trás. Empurrei a ponta da faca na sua cintura e ele se calou. Continuei: “Depois de ter perdido o revólver sinalizador, você resolveu usar sua voz? Além do mais, não entendo uma palavra do que você diz; e nem há ninguém aqui para entender. Por que está perdendo seu tempo?”.

Bateram duas vezes antes de reinar o silêncio. Então começaram os passos solitários, batendo em minha cabeça e na parede. Você me deu este pequeno caixão e o pendurou diante de mim para que eu o enterrasse aí. Mas são seus passos que ficarão para sempre batendo ao redor dele, e ninguém será enterrado senão eu. E depois que me sepultarem, seus passos ressoarão acima, abaixo e por todos os lados até a eternidade. Este pequeno caixão pendurado envolverá todos nós. Ele nos mastigará enquanto estivermos em seu interior. E você estará só, fora dele, e continuará sua viagem sem fim. Sem fim? Oh, meu Deus! Ninguém sabe, a não ser você.

Um pensamento chegou repentino. Tirou o cinto e amarrou com cuidado as mãos dele atrás das costas, sem que lhe oferecesse qualquer resistência. Depois, voltou a se sentar no mesmo lugar e pousou a faca no colo. Do alto da duna silenciosa, descia um vento frio e cortante; ele cruzou as mãos atrás da cabeça e se encolheu. Ao longe, ouviu um ruído abafado. Levantou-se e vasculhou a escuridão a sua volta. Mesmo com o surgimento da discreta claridade, a luz do amanhecer não havia conseguido rasgar por completo o véu da noite. Retornou a seu lugar e revistou-lhe os bolsos até meus dedos tocarem uma carteira fina, que puxei e abri. Era muito difícil, na escuridão, avaliar aqueles documentos. Guardei tudo no bolso da camisa enquanto ele me olhava confuso, à espera insistente de um milagre que brotasse entre suas pernas; mas eu tinha certeza de que ele não demoraria a se dar conta de que esse milagre, se ocorresse, traria, no instante seguinte, sua morte. Como se daria conta dessa descoberta inevitável, isso eu não sabia. De repente, ele pensou ter ouvido aquele mesmo ruído ao longe e saltou. Olhou a sua volta, depois para mim. Naquele instante, mostrei-lhe a faca para ajudá-lo a compreender o significado do esperado milagre, e ele voltou a se sentar. Ali ocorreu uma coisa estranha: eu estava em pé e ele acorado a meus pés, então imaginei que tudo naquele deserto silencioso, o vento, cada grão de areia, cada

estrela, cada ponto da escuridão, olhava para nós como olhávamos para Zakaria jogado aos pés do oficial, à espera do momento terrível da execução. Salem estava na fila conosco. Sua cabeça funcionava como um enxame de abelhas agitadas. E antes que soubéssemos o que iria acontecer, Zakaria gritou: “Direi a vocês quem é Salem!”, mas Salem não lhe deu tempo para que se tornasse um verdadeiro traidor. Avançou três passos à frente e parou. Sob seus pés, que o conduziam para a morte, o deserto silencioso irrompeu; e os anos de silêncio mortal caíram sobre mim como chuva: por que eles matariam você? Salem se aproximou e me pegou pelo braço: “Creio que você passou sua vida rangendo os dentes e dizendo ‘se’! Bem, venha!”. Enquanto os homens o carregavam pela escada, uma mão nua escorregou de dentro dos dois casacos manchados e balançou, como se chamasse para que os seguissem. Por detrás da parede em ruínas, ouviu-se um único tiro. Zakaria, em silêncio, com nossos olhos fixos nele, retorceu-se como se a bala o tivesse atingido. Depois, a mãe de Salem veio a mim: “Fui à noite até lá, mas não o encontrei. Enterraram-no às escondidas. Você não sabe onde o enterraram? Meu filho, meu coração, alma minha, tudo o que me restou”. O barco pesado balançava na superfície de um mundo carbonizado. Onde eles o enterraram? Minha mãe carregou o segredo com ela e nos deixou. O que lhe restou. O que nos restou. O que me restou. Contar os restos. Contar as perdas. Contar a morte. O que me restou neste mundo todo: uma passagem de areias escuras, uma travessia entre duas perdas, um túnel fechado dos dois lados. Tudo para o futuro. Depois, bateu a porta, tirou os chinelos e se sentou como se fosse sua casa. Se eu tivesse um pedaço de madeira e um palmo de terra eu o teria matado. Mas ela não disse nada. Deixou-me sair sem uma única palavra de súplica. *Senti um calafrio e tremi: algo acabou de acontecer com ele, neste exato momento... Dirá que estou louca se o despertar para dizer: “Algo aconteceu agora com Hamed. Sinto isso dentro de mim”. Naquele instante, a cama me expulsou e tateei o trajeto até a cozinha. O silêncio era muito pesado, mas os passos insistentes do relógio atravessaram a porta na direção de meus ouvidos. Bebi somente para fazer algo. Abri a porta devagar e com calma, olhei para a escada escura, fui até a janela, vi a rua silenciosa, que brilhava com suas luzes fracas penduradas, completamente vazia, e voltei para a cozinha. Ali ele se mexeu, daquela forma passageira e inesquecível. Parei, encostada na porta, chamei-o de Hamed e caí em prantos. Pela janela aberta, o vento frio e cortante me fez tremer. Voltei ao quarto para pegar alguma coisa que me aquecesse. Ao chegar perto*

da cama, ouvi sua respiração pesada, ritmada e me perguntei: será que ele aceitaria que eu o chamasse de Hamed? Quando peguei a coberta fiz outra pergunta: será que Hamed aceitaria que eu desse seu nome ao filho de Zakaria? Preferi voltar à cozinha, acender o fogo para preparar um chá quente, aquecer meu corpo e o do pequeno. Enquanto contemplava a chama azul, um pensamento me veio à mente: por que eu o chamaria de Hamed?; eles não suportam nem se olhar! Sempre dizia: o asqueroso. Isso era tudo, o asqueroso. Não o tratava de outro modo. Zakaria o chamava de garoto. Que, para ele, continuou sendo sempre um garoto. Considerava-o uma criança incapaz de enfrentar a vida. Será que eu conseguiria reuni-los novamente? Aquilo parecia impossível e também mortal. Lembrei-me de que Zakaria nunca o quis. Pedia que eu me livrasse dele de qualquer forma. Esse pedaço de gritaria infernal que a transformará numa mamadeira humana. Será possível que exista um destino ordenado de maneira tão cruel? Meu Deus! Será possível?! Hamed chegou por trás de mim com calma e, como sempre, sentou-se na cadeira virada com o encosto para frente, apoiou os braços, com o queixo pousado sobre eles, e disse: “Você faz um chá maravilhoso... Tem para mim também?”. Eu lhe servi um copo. Bebeu, torturado pelo calor, sorvendo e assoprando. Tinha vindo para dizer algo após dias de silêncio e raiva. Tratei de não fixar o olhar nele, pois sabia que isso o incomodava e, sem rodeios, ele disse o que pensava: “Bem... você não consegue dar um jeito de se livrar dele? É um filho bastardo”, mas não respondi e ele se deu conta de que tinha sido rude. Levantou-se, veio em minha direção e ficou frente a frente comigo: “Não posso proibir o casamento que vocês organizaram sem meu consentimento. Mas...”. Calou-se novamente e se afastou. Então sua voz chegou por trás de mim: “Tenho razão nesse assunto. Assunto que, por sinal, não me diz respeito. Você acha que essa criança merece a vida que terá, à sombra de um homem como Zakaria?”. Silenciou um instante, depois disse o que eu já esperava: “Esse asqueroso”. Saí com os dentes travados. Ele me seguiu e me pegou pelo braço: “Em todo o caso, você se casará com ele dentro de algumas horas, apesar de tudo. Se você aceitou perder a si mesma e perder o marido, tente não perder a criança. A única forma que resta para que você não a perca é se livrar dela...”, então me deixou, escapou pela escada e bateu a porta. O que restou. O que restou a todos. O que nos restou, oh, fantasma calado e raivoso, diga-me? Minha vida e sua morte estão unidas, de tal forma que nem você, nem eu podemos separá-las. Além disso, ninguém sabe como as contas são acertadas aqui.

Uma brisa brotou e carregou com ela, rente ao chão, um chicote de areia fina que

açoitou seus pés. O vento chegou e cobriu tudo: as pegadas e aquele pedaço de metal ao longe, que um dia foi uma arma. Depois, o assovio do vento, numa corrida contra si mesmo, soprou em direção ao sul, e lembrei aos dois que eu estava aqui; que sou a parte que eles devem levar em conta primeiro nessa espera amarga. Enquanto aquele assovio se derretia na escuridão e girava em torno de si, violento, seco e desconhecido, os dois sentiam essa imensidão que não tem fim, forte, distante e resistente, que os cobria por todos os lados, estendida para mais longe do que pensavam e com mais profundidade do que podiam imaginar. O horror. O ar transparente, portador de todas as surpresas. O corpo que não tem limite, que ama e que odeia, e não esquece. O que pertence. Enraizado no tempo até o mais profundo de seu ser. Amor e silêncio. Violência e fúria. Mas, antes de tudo e sobretudo: resignação.

Em pé, diante da janela da cozinha, eu bebia o chá quente, quando uma carroça destrozada surgiu no começo da rua. Vinha cansada, puxada por um burrico. Um homem, dormindo, balançava-se sobre ela enquanto o animal esgotado andava devagar, em ziguezague, e farejava o caminho, aqui e ali, à procura de algo. Assim, perdidos na noite, era como se uma corrente pavorosa os levasse. O som dos cascos se confundia com os passos do relógio, que batiam naquela parede longínqua, relógio que girava em torno de si, carregado por outra corrente indecifrável. Hamed se distanciava e imergia; suas feições sumiam de mim por um instante. Tentei em vão fazê-lo voltar, mas ele se dissolveu em minha cabeça, como fez sua sombra quando desapareceu detrás da porta e deixou o ruído de seus passos na escada. Foi-se embora, tornando-se parte daquela corrente misteriosa que flui sob nossas vidas sem sentirmos e nos arrasta, por dias pálidos, minuto a minuto, imperceptível, mas com força arrebatadora, até o desconhecido. Subitamente, dei-me conta de que durante toda a noite havia esquadrinhado a escuridão, com os olhos cheios de trevas, transportada em seus braços de gigante, à deriva, como um navio com o timão rompido pela tempestade, que, impulsionado pelas ondas, descobrira novos mundos que a corrente obrigou a atravessar sem que percebesse. Era uma terrível ilusão, e pensei por um instante que ela passaria, que eu poderia fechar os olhos e ver seus passos se afundarem, noite e dia. Escreverei para você, se lá chegar. Mas, quem sabe se não ficará ali, suspenso, entre mim e sua mãe. Talvez suspenso para sempre. Caminhando sobre nossos dois corpos, naquele mundo tão terrível como o desconhecido, com o tempo e o espaço a nos separarem. Apesar disso, permanecerá aqui, enquanto Zakaria estiver aqui. O ruído de

seus passos chegou pelas minhas costas; arrastava os pés como se calçasse sapatos de cortiça. Deteve-se por um momento no outro cômodo, depois veio para a cozinha e parou atrás de mim:

— Pensei que tinha saído de casa! O que aconteceu com você? Não dormiu nem um minuto. O que aconteceu? Ainda pensa no garoto?

— Que horas são?

— Não sei! O quê? Acha que fico vigiando o relógio enquanto durmo?

Ele se aproximou devagar, como se medisse o espaço. Depois parou junto à janela, mirou a rua, o céu preto sobre os telhados das casas baixas, os casebres de zinco e os barracos de barro do outro lado.

— Está quase amanhecendo... O que aconteceu com você?

— Não posso, não posso... Seus passos enchem minha cabeça e batem.

— Passos de quem?

— Os passos dele: Hamed. Você se esqueceu?

— Louca! Agora escuta os passos dele?

— Os passos dele... a cada batida do relógio, ele dá um passo... Você não pensou que ele...

Calei-me e olhei para ele, que parecia congelado, distante; ele ainda não tinha visto o relógio. Voltei a olhar pela janela. Ele me pegou pelo ombro com sua mão pesada e me puxou. Virei-me e o encarei. Iniciou a conversa de um jeito carinhoso, como se falasse com uma criança:

— Escute, Mariam, se aquele maldito relógio lhe provoca insônia, eu tenho a solução. Saiba que, se o inclinarmos um pouco para o lado, o pêndulo para. Conheço muito bem esses malditos relógios de parede. O pêndulo só se movimenta se estiver no prumo. Você devia ter me dito isso desde o começo da noite. Venha.

Dirigiu-se para a porta da cozinha, mas eu me adiantei, bloqueei a porta com o corpo e o impedi de sair. Ele parou espantado e ficou me encarando.

— Não, isso não é necessário. Não consigo mais dormir depois de ter passado a noite inteira... Mas não é só a batida do relógio que... Mas...

Eu me detive por um instante. Ele ainda olhava para mim espantado. Apontei para meu ventre, fechei os olhos e continuei:

— Ele também bate aqui.

— Ele?

Eu comecei a observá-lo. Abria e fechava as mãos ao lado do corpo, sem

acreditar, preparado para encarar algo desconhecido e devastador. Um redemoinho iniciou um movimento insano na minha garganta:

— Ele... seu filho. Agora há pouco se mexeu pela primeira vez. Mexeu-se duas vezes.

Ele deu um passo atrás. Eu levantei os olhos e vi seu rosto: ele franziu a testa e duas fendas surgiram entre as sobrancelhas. Detrás dele, através da janela, o céu se ergueu sobre os telhados baixos das casas de barro e zinco e produziu uma linha densa de cor cinza. Depois, ele se virou e me deixou ver suas costas largas, um pouco curvadas, enquanto caminhava lentamente em direção à janela. Parou e juntou as mãos atrás das costas. Instalou-se o silêncio. Com ele o relógio deu três badaladas distantes e ocas; depois, a muleta retomou suas batidas solitárias e insistentes. Naquele instante, ocorreu-me que as batidas eram o som do silêncio, que não poderia existir sem o som, senão não seria silêncio. E não seria tão imenso a ponto de ser sentido dessa forma única, carregada de ausência, solidão e mistério. Não me surpreendi quando ele deu as costas, atônito. Mas estranhei ter se espantado daquela forma, pois já sabia. E as batidas continuavam a nos rodear como rajadas de balas assassinas. Eu senti vontade de destruir aquela espera terrível. A espera de que ele se virasse e dissesse algo. Surpreendi-me com minha própria voz, como se outra mulher falasse pela minha boca. Uma voz calma e cheia de humilhação culpada:

— Ficou difícil nos livrarmos dele agora.

Ele arremessou de onde estava uma resposta completa de duas palavras:

— Eu sei!

Depois, calou-se; e a espera voltou a crescer entre nós, estendida como uma barra de ferro. Não era ponte nem muro. Era apenas uma barra de ferro fria suspensa no ar. As garras da noite arranhavam os telhados do quartel. O céu se erguia devagar, como uma águia pesada quando inicia seu voo. Num instante, todo o futuro brotou em minha testa, como um relâmpago que ilumina as dimensões do terrível desconhecido. Tremi e senti sua intensa ausência crescer ao invés de se dissolver. E esperei. Esperei. E me pareceu assustador esperarmos juntos ali, eu e ele em meu ventre, uma palavra sua. Voltou a falar, sem se virar, com a voz baixa e lenta. Tive de prestar atenção nela para conseguir ouvi-la, ondulando entre nós, banhada por uma claridade cinzenta pesada e se dirigindo a tudo o que nos rodeava:

— Uma sexta criança?! Sexta! Você imagina isso? Espera que eu dance de felicidade? É o sexto filho! Eu lhe disse mil vezes para se livrar dele, mas você acha que ele é uma coisa excitante e valiosa.

E fez uma pausa como se parasse, depois de uma vírgula, a leitura vagarosa de um livro:

— E as pessoas?! As pessoas, o que vão dizer? Outro escândalo. Uma criança após cinco meses de casamento!

Em meio àquela cólera espalhada aqui e ali, ele lançava argumentos com frases nervosas, e eu temi que seguisse assim e se aprofundasse em suas queixas. Mas ele não hesitou muito diante de um campo tão fecundo:

— Terei seis bocas para alimentar. Além de você e dela. Isso tudo pede um milagre. Ai de vocês todas, pensam que tudo é responsabilidade do homem! Um pedaço de carne, isso é o que nos une a vocês! Mas você, eu lhe digo, você está errada. Um homem que tem cinco filhos não se importa com nada.

Voltou-se para mim, enquanto a luz fosca pendurada na beira do céu descia cansada sobre seus ombros. Seu rosto parecia apagado. Deu um passo e me encarou:

— Se Hamed, aquele garoto maldito, estivesse aqui...

Como se movida por uma força desconhecida, ergui os braços, levei as mãos aos ouvidos, apertei-os com força e sua voz me chegou com um farfalhar enigmático. Ele estava em pé diante de mim, abanando os braços com raiva, triste e ferido ao mesmo tempo. Aproximou-se mais e passou por mim. Seus lábios ainda se moviam velozes a ponto de sua voz colidir com todas as coisas a nosso redor, ecoando silenciosa naquela luz acinzentada, como a superfície de um pântano sombrio. Diante dele, outra voz brotou de dentro de meu corpo e reverberou mil ecos em minha cabeça, feito o latido de um cão ferido, preso no interior de um tonel de metal vazio: não podemos mais nos livrar dele, não podemos nos livrar dele. Então descobri, parada ali, que também não podia me livrar de Zakaria. Tampouco ele podia se livrar de mim. E nada me restou, a não ser continuar minha jornada, com as mãos nos ouvidos e os dentes mordendo os lábios. E Hamed cada vez se afastava mais. Seus passos obstinados batiam em nossa testa sem clemência, e sumiam na distância. E nada restou dele senão os ecos de seus passos insistentes, sem fim, como um último trem que sai da estação abandonada e nos deixa numa plataforma destruída, escutando um silêncio carregado de ausência, solidão e mistério.

Batendo. Batendo. Batendo.

Subitamente a luz surgiu e deixou aparecer o deserto infinito, que dormia sob as dunas. Uma luz que trouxe mais silêncio e espera. De novo o sangue voltou a correr em minhas veias. A meu lado, rendido e exausto, ele lutava contra a cabeça que lhe caía sobre o peito. Depois, abriu os olhos, respirou profundamente e tentou se levantar. Sem conseguir, fitou-me pela primeira vez e tentou dizer alguma coisa. Trocamos olhares frios. Passei a faca na borda do sapato, produzindo um som prolongado. Nesse momento, eu realmente o vi e captei no fundo de seus olhos brilhantes, que pareciam escuros naquela cascata de luz gris que nos banhava, um medo real e uma espera impotente e desamparada. Como se sentisse minha pequena vitória, ele fechou as pálpebras por um instante e, ao abri-las, seu olhar pousou no chão atrás de mim. Fez um esforço para se arrastar sobre as nádegas, esticou o pescoço e disse algo, apontando para um cantil de metal a dois passos de onde eu estava, que parece ter caído dele quando lutávamos. Mas não me mexi. Falei bem devagar e tentei todo o possível para me fazer entender: “Morra de sede”. Ele continuou a apontar com o pescoço para o cantil. Parecia ter muita sede. Peguei o cantil, balancei-o junto ao ouvido e percebi que havia pouca água. Não o abri. Um segundo depois, joguei-o no mesmo lugar. Olhei para o rosto dele; seus lábios abertos se moviam com uma raiva impotente. Devagar, disse-lhe de novo: “Morra de sede”. Ele buscou novamente alcançar o cantil, arrastando-se sobre as nádegas e a sola de seu sapato pesado, mas quando se aproximou, puxei-o pela gola e o devolvi a seu lugar: “Morra de sede”. Atrás dele o sol surgiu e se pendurou no horizonte. Fomos varridos por uma onda de areia, que nos trouxe um medo repentino e passageiro. Olhamos novamente para o cantil. Nossos olhares se cruzaram outra vez e eu pude constatar que seus olhos eram castanhos. Seu rosto tingido pelos golpes do sol escaldante parecia o de um doente. Pequenos pelos finos nasciam em seu queixo e nos maxilares. Da abertura das mangas da camisa, apareceram seus braços fortes, cobertos por uma penugem clara. Enquanto ele me encarava, saquei os documentos de meu bolso, que até então não me haviam sido úteis; olhei para a foto do documento e percebi que parecia mais jovem: seus cabelos estavam repartidos de lado, e exibia um riso enorme, era engraçado. O nome sob a foto estava escrito em hebraico. Enfiei o documento na cara dele e apontei para onde estava o nome. Ele balançou a cabeça com violência, depois cerrou os lábios. Eu sorri e disse: “Guarde esse segredo com você”. Revistei o resto dos documentos, mas não encontrei nada. Finalmente, pude ler, num carimbo lilás pequeno, no final do documento, em letras latinas bem nítidas, ao lado de letras hebraicas enroladas sobre

si mesmas: “Yafa”.

Dobrei os documentos com cuidado, enfiei-os no bolso da calça, troquei de lugar e me sentei diante dele. O sol escalava o céu devagar e imponente, mas ainda não era insuportável. Ele olhava para mim com cautela e expectativa. Tentava descobrir meu plano, mas com certeza não conseguiria, já que eu mesmo desconhecia. Dei-lhe tempo suficiente para me analisar. Quando estava totalmente concentrado em mim, à espera de um movimento ou uma palavra, eu disse: “Seja uma boa pessoa e vamos conversar sobre Yafa. Essa espera silenciosa só nos causa pavor”. Mas ele continuava me encarando com seus olhos cansados e apertados. “Vamos! Como terminou a coisa naquele bairro que ficava entre a mesquita de Cheikh Hassan e o hamam dos judeus incendiado em Manchiya?” De súbito, não sei exatamente por quê, senti que ele me compreendia perfeitamente e esperava o fim da história. Continuei: “Essa será uma conversa muito proveitosa. Conheço bem aquele bairro, pois morávamos lá”. Tudo isso parecia uma bobagem para ele. Mas eu queria fazê-lo entender que não havia nada que merecesse sua atenção mais do que isso, que eu não ia fazer nada, que continuaríamos sentados ali até... Até o quê?

Ao longe, soprou um vento que foi varrendo a areia e arrastando-a em nossa direção como numa corrida. Quando nos alcançou, lavou-nos com a primeira onda de calor, que fez ele se ajeitar preocupado. Fiquei em pé e vasculhei os quatro horizontes a nossa volta, que, apesar da distância, pareciam paredes. Mas a imensidão estava lá, estendida, jogada, silenciosa, banhada de sol e solidão. Bem diante de nós, o sol grudou-se em chamas numa parede cinza e alta. Sentei-me de novo a seu lado e espalmei as mãos diante dele para lhe dizer que não podíamos fazer nada. E ele, em vez de olhar para mim, vigiava a faca, cujo fio brilhava naquela luz refletida em meus pés. Peguei-a rapidamente e a raspei na borda do sapato mais uma vez, emitindo um som de alerta, como um último grito. Só naquele instante ele olhou em meus olhos e eu notei de novo aquela expressão muda de pavor impotente. Percebi que ele estava sob meu poder, que a qualquer momento eu poderia cortar seu pescoço, sem nenhuma reação; e que esse momento chegaria, certamente, diante do brilho de terror expresso em seus olhos, do barulho da faca em meu sapato e do sol em chamas que queimava minha nuca sem piedade. Atrás dele, um horizonte de areia sob o alto céu branco parecia um palco: logo que tocasse o sinal de aviso, carros, cães e homens armados de metralhadoras pretas com canos bem finos surgiriam. Mas todos ficariam parados lá trás no palco, diante daquele pano de fundo vazio, pois descobririam de repente que o verdadeiro drama se desenrolava ali e que eles eram os espectadores.

E de novo, agarrou-me pelos ombros, virou-me com força, e eu o encarei. O mundo por trás das mãos que apertavam meus ouvidos estava em silêncio. Via seus lábios se moverem com fúria, no centro de seu rosto cansado, sem que eu escutasse. Parece que ele percebeu isso. Com as mãos fortes, segurou-me pelos braços e abaixou-os até a cintura. O barulho do mundo voltou a entrar por meus ouvidos. Sobre ele, com ele e nele, o relógio longínquo, pendurado diante da cama, batia, atravessava o corredor e entrava pela cozinha, onde estávamos parados, frente a frente, na manhã seguinte de nosso casamento. Esqueci-me de contar as batidas, que pareciam pedir socorro misturadas a sua voz alta, que ressoavam em meu corpo como uma pilha de pequenos pratos de metal.

— Você pensa que me casei com você para que parisse um filho meu, sua vadia?

De repente, aquelas portas de carne fresca que me tapavam meus olhos se abriram. Senti as lágrimas escorrerem pelo rosto. Tentei livrar meus braços de suas mãos, mas ele os segurou com força. Um instante depois, um fino raio de luz atravessou a janela atrás de mim e dividiu o rosto dele ao meio, deixando-o ainda mais furioso e violento.

— Ouça bem, e depois diga que Zakaria avisou: se você não se livrar desse bandidinho...

Gritei com todas as forças de minha garganta, tentando apagar sua voz com um urro enlouquecedor que preenchia tudo, mas sua voz ainda irrompia de seus lábios trêmulos e atravessava meus ouvidos: “Se você não abortá-lo, estará divorciada... Divorciada... Divorciada... Está me ouvindo? Divorciada!”. Calei-me. E um silêncio pesado se espalhou, carregado de uma espera amarga, *e ouviu-se o latido de um cão ofegante, que ecoou como um uivo por todos os lados, e fundiu-se num ruído infernal que era impossível saber de onde vinha*. Senti ele se mover pela terceira vez: mexeu-se dentro de meu útero, com aquele movimento breve e trêmulo, que desceu pelas minhas pernas até os joelhos; fechei os olhos por um instante. Mas a voz avançou sobre mim novamente: “Você ouviu o que eu disse?”. Ele me chacoalhou com violência várias vezes e repetiu: “Diga que você entendeu”, e me puxou, jogando-me contra a parede, antes de se virar. *E ela reluziu diante de mim com seu gume longo e ardente sobre a mesa*; a parede me devolveu a ela, como se eu fosse um brinquedo de borracha. Agarrei-a com as duas mãos e apertei-a com força. Baixei os braços até a parte inferior de meu ventre. Nós nos movemos ao mesmo tempo enquanto nos

encarávamos. Eu ainda segurava a faca bem firme em minhas mãos. *Senti a lâmina penetrar nele quando colidimos.* Ele lançou um gemido prolongado, tentou se afastar, mas a faca o trouxe de volta. Suas mãos agarravam com força minhas mãos trêmulas, que apertavam o cabo da faca. Ele fechou os olhos. Por fim, soltei-a, retrocedi um passo e vi a lâmina enterrada em seu púbis. Ele tentou arrancá-la, mas suas mãos, agora roxas e trêmulas, não conseguiram segurar o cabo. Ele se curvou e apoiou os braços na mesa, enquanto o sangue molhava suas calças e escorria vermelho e brilhante pelas pernas. Fraco, abriu os olhos e olhou diretamente para mim. Virei-o, segurei seus ombros e o empurrei em direção à parede. Seu corpo encostou ali ainda curvado, com os braços caídos ao lado; ele grudou a testa na parede na tentativa de fazer com que o cabo não se chocasse contra ela. Mas eu o agarrei, cravei os joelhos em suas costas e o empurrei com mais força. Escutei a lâmina penetrar em sua carne devagar e com firmeza, enquanto o cabo de madeira raspava o reboco. Roncou como se despertasse do sono; ouvi o barulho do sangue que jorrava em torno da faca. Depois, ele estrebuchou e caiu entre os pés da mesa. Um raio de sol estreito entrou pela janela e refletiu na linha fina de sangue, que escorria da ponta da faca pelo piso branco da cozinha. *A voz do silêncio de repente ecoou,* enquanto os cachorros latiam do lado de fora da janela raivosos e sem parar. Não cessaram até que seus passos chegaram, como sempre acontecia fora daquele caixão pendurado na parede: *batendo insistente em minha testa, forte, sem misericórdia. Batendo sobre ele, amontoado ali, aquele pedaço de morte. Batendo. Batendo. Batendo.*

* Do árabe: seja bem-vindo/a.

Título original em árabe

ما تبقى لكم / Ma tabaqqa lakum

© Anni Kanafani

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em algum sistema de recuperação ou transmitida em qualquer forma, ou por quaisquer meios, sem a permissão prévia por escrito do proprietário dos direitos autorais.

A 1ª edição do original em árabe foi publicada em 1966.

EDITORA

Laura Di Pietro

PREPARAÇÃO

Safa Jubran

REVISÃO

Gabrielly Alice da Silva

PROJETO GRÁFICO E COMPOSIÇÃO

Cristina Gu

FOTO DA CAPA

© Breno Rotatori

FOTO DE ABERTURA

Ghassan Kanafani por Kalle Hoyer, 1964.

CONVERSÃO DO ARQUIVO EPUB

Rejane Megale

Nossos agradecimentos a Anni e Leila Kanafani pela seleção e envio da imagem.

ISBN: 978-65-86824-90-2

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA ROÇA NOVA LTDA.

+55 21 99786 0747

editora@editoratabla.com.br

www.editoratabla.com.br